



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Maraysa Palhiari Tralli

**MÃE E FILHA NA FAMÍLIA INCESTUOSA:
A COMPOSIÇÃO DE UM ESTRANHO LUGAR AFETIVO**

UBERLÂNDIA

2012

MARAYSA PALHIARI TRALLI

**MÃE E FILHA NA FAMÍLIA INCESTUOSA:
A COMPOSIÇÃO DE UM ESTRANHO LUGAR AFETIVO**

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Pós Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada
Orientadora: Prof Dra Anamaria Silva
Neves.

**UBERLÂNDIA
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

T769m Tralli, Maraysa Palhiari, 1987-
2012 Mãe e filha na família incestuosa : a composição de um estranho lugar afetivo / Maraysa Palhiari Tralli. -- 2012.
109 f.

Orientadora: Anamaria Silva Neves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Mães e filhas - Teses. 3. Incesto - Teses. 4. Vítimas de incesto - Teses. I. Neves, Anamaria Silva.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Maraysa Palhiari Tralli

**Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um
estranho lugar afetivo**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Orientadora: Dra. Anamaria Silva Neves

Banca Examinadora

Prof(a). Anamaria Silva Neves

Orientadora (UFU)

Prof. João Luiz Leitão Paravidini

Examinador (UFU)

Prof(a). Conceição Aparecida Serralha

Examinadora (UFTM)

Prof(a). Isabel da Silva Kahn Marin

Examinadora Suplente (PUC-SP)

Às mães e filhas marcadas pela violência sexual intrafamiliar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus pais por todo carinho e amparo dedicados. A todos os meus familiares e amigos, obrigada pelo companheirismo e incentivo recebido ao longo destes anos.

À Profa. Dra. Anamaria Silva Neves, orientadora desta dissertação, por todo empenho e compreensão. Agradeço pelo apoio, pela partilha do saber e pelas valiosas contribuições para o trabalho. Minhas reais manifestações de admiração, respeito e carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada, pelo aprendizado. Em especial, aos docentes Prof. Dr. João Luiz Leitão Paravidini e Prof. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera, pelas contribuições no exame de qualificação.

Ao Conselho Tutelar, pela valorização e autorização do início deste trabalho.

Às participantes desta pesquisa, obrigada pela confiança e entrega.

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo geral compreender a vinculação mãe e filha na família incestuosa, a partir de um recorte na cena-dinâmica familiar. Objetivou-se, especificamente, analisar o incesto enquanto herança psíquica familiar, discutindo-o inserido na estrutura edípica da família. Para tal, as artes – mitologia, literatura e cinema – serviram de alicerce reflexivo e analítico em parceria com a Psicanálise e o exercício interpretativo que o método evoca. Nesta perspectiva, foi considerada a história de uma família incestuosa (com o incesto perpetrado pelo pai biológico e filha), contada por meio de entrevistas com mãe e filha, separadamente. As participantes foram convidadas a versar sobre suas histórias, pautadas na temática família e relação mãe e filha. As entrevistas foram gravadas em áudio, com a autorização das participantes, e depois transcritas. O material foi entregue às entrevistadas, para que comentassem seus dizeres livremente. A partir de então, os encontros com mãe e filha foram estudados e analisados, deixando emergir os temas significativos, que foram resumidos em quatro tópicos. A vinculação mãe e filha mostrou-se conflituosa, baseada no desencontro e no desamparo. Além das questões pré-edípicas e edípicas, a transgeracionalidade mostrou-se presente.

Palavras-chaves: Família, mãe, filha, incesto

Abstract

This dissertation aimed to understand the linkage mother and daughter in incestuous family from a cut-scene in family dynamics. The specific objective was to analyze the incest while psychic inheritance of family discussing it inserted in the Oedipal structure of the family. To this end, the arts – mythology, literature and cinema – served as the foundation reflective and analytical in partnership with Psychoanalysis and the interpretive exercise that the method to invoke. In this perspective, it was considered the story of an incestuous family (with incest perpetrated by the biological father and daughter), said through interviews with mother and daughter separately. Participants were asked to relate to their stories, guided by the family's theme and the relationship between mother and daughter. The interviews were audio taped with the permission of participants, and transcribed. The material was delivered to the interviewees to comment on his statement freely. Since then, the meetings with mother and daughter were studied and analyzed, leaving to emerge significant themes, which were condensed into four topics. Linking mother and daughter proved to be confrontational, based on mismatch and helplessness. Besides the issues of pre-oedipal and oedipal, the transgenerationality was present.

Key-words: Family, mother, daughter, incest

[...] o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão.

João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas

Sumário

1-INTRODUÇÃO.....	11
2-PSICANÁLISE E ARTE.....	21
2.1- <i>A vida recortada em cenas</i>	22
2.2- <i>(Re)escrita dos dramas familiares</i>	28
3-FAMÍLIAS: LAÇOS E VÍNCULOS NA VIOLÊNCIA.....	32
3.1- <i>O desejo incestuoso: um estranho familiar</i>	35
3.2- <i>incesto como passagem ao ato</i>	42
4 - MÃE E FILHA: A RELAÇÃO AMBIVALENTE	46
4.1- <i>Temas de amor e ódio</i>	46
4.2- <i>Mãe e filha na família incestuosa</i>	51
5-PERCURSO METODOLÓGICO: O CAMINHO PARA UM FIM.....	53
5.1- <i>Desafios de uma trajetória: dificuldades e implicações institucionais</i>	55
5.2- <i>O esboço do desenho de uma história</i>	58
6-CONHECENDO MARIA E CLARISSE.....	60
6.1- <i>O primeiro encontro</i>	60
6.2- <i>Apresentação das personagens</i>	60
6.3- <i>As ressonâncias das entrevistas</i>	63
REFERÊNCIAS	98
ANEXOS:	
<i>Anexo I - Termo de consentimento 1</i>	106
<i>Anexo II - Termo de consentimento 2</i>	107
<i>Anexo III - Aprovação CEP</i>	108

1- INTRODUÇÃO: “COMO SE ‘MÃE E FILHA’ FOSSE VIDA E REPUGNÂNCIA...” **(LISPECTOR, 1998).**

O estudo da mitologia revela que a divindade soberana do Neolítico II (3000-2000 a.C.) na Grécia é a Mãe-Terra, a grande Mãe que fertilizava o solo e tornava fecundos os rebanhos e os seres humanos (Brandão, 1991). Segundo o autor, os mitos dominavam o céu, a terra, o mar e o inferno e podiam surgir sob diversas formas, dentre elas, árvores e serpentes. Entre os muitos mitos femininos, Deméter, a deusa da vegetação, tem a origem de seu culto atestado em Creta, no santuário de Elêusis.

Deméter é a divindade da terra cultivada, a deusa do trigo, a que ensinou aos homens a arte de semear e colher os frutos que a Mãe Terra generosamente lhes oferecia. Seu mito está ligado ao de sua filha Core ou Perséfone. Juntas, formavam uma dupla denominada “as deusas”. O sofrimento das deusas constitui o mito central dos Mistérios de Elêusis.

Mãe e filha viviam felizes. Certo dia, enquanto Core passeava tranquila ao lado das ninfas e das divindades Artemis e Atena, seu tio Hades, que a desejava, a raptou com o auxílio de Zeus: Core, ao se aproximar da flor narciso a beira de um abismo, foi conduzida para o submundo. Deméter chegou a ouvir o grito da filha, que desapareceu em seguida, tragada pelas profundezas da terra.

Deméter, desesperada com o desaparecimento de sua filha, percorreu o mundo inteiro com uma tocha acesa em cada mão. Durante nove dias e nove noites, sem comer, sem beber, sem se banhar, a deusa caminhou pelo mundo a procura de Core.

O deus Hélios, que tudo vê, contou a Deméter o ocorrido. A deusa, então, abandonou suas funções no Olimpo (deixou de produzir sementes e frutos) e afirmou que permaneceria na terra até encontrar a filha. Assim, uma terrível seca se abateu sobre a terra. Zeus suplicou-lhe que voltasse ao Olimpo e reassumisse suas missões. Mas a deusa insistiu que não voltaria

ao convívio dos imortais, nem permitiria que a vegetação voltasse a crescer, enquanto não lhe entregassem a filha.

Zeus, preocupado com a ordem do mundo, pediu a Plutão que devolvesse Perséfone. O deus acatou o pedido do irmão, mas antes de permitir que Core partisse, a fez comer uma semente de romã. Aqueles que comessem qualquer coisa do mundo dos mortos não poderiam voltar ao convívio dos vivos. Dessa forma, mãe e filha voltam a se encontrar e a terra volta a florir. Deméter vai ao encontro de Core, mas, ao abraçá-la, sente sua filha diferente e pergunta se ela comeu algo. Core diz que comeu uma semente de romã e, por isso, teria que passar um terço do ano no mundo dos mortos, o qual é governado por Hades. Assim, Core se transforma em Perséfone, esposa de Plutão (Brandão, 1991).

O mito grego, narrado sob a visão de Deméter, conta das vicissitudes, transformações e possibilidades na relação mãe e filha. A aproximação e o afastamento das deusas ilustram a teoria freudiana. Na fase pré-edipiana, a mãe é o primeiro objeto de amor, fase representada pela proximidade de Deméter e Core. Já na fase edipiana, a menina “abandona” a mãe enquanto objeto de amor e dirige-se ao pai, fase representada pelo “sequestro” de Core.

Se, como afirma Freud (1996/1914), em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, a descendência é uma das poderosas formas de homens e mulheres buscarem satisfazer seu narcisismo frustrado infantil, a maternidade, para acontecer, solicita um esforço contrário, de desprendimento de si. Isto é, de separação de um ideal projetado no bebê que reflete as ilusões narcisistas da mãe e suas representações de filha ideal.

Se a gravidez mantém a simbiose de um corpo para dois e o parto faz a ruptura, então, com o nascimento, mãe e filha necessitam cada uma a sua maneira, se haver com a imposição da separação e o apelo que faz para a diferença, alteridade (Labaki, 2007).

Entre mães e filhas há diversos caminhos e possibilidades. Momentos de amor, fusão, carinho, raiva, rivalidade, cobrança, resgate, etc. O que faz com que mães e filhas sejam referências da sabedoria popular quanto ao amor inato, imutável e incondicional?

Em *L'amour en plus* (1985), *Um amor conquistado – o mito do amor materno*, Elizabeth Badinter propõe uma discussão entre duas ideias antagônicas: a de que o amor materno é um instinto, uma tendência feminina inata e, ainda, apresenta o amor materno enquanto dependente de um elemento social, variando de acordo com a época e os costumes. A discussão aponta para uma extensa pesquisa histórica revelando que o amor materno inato é um mito. A autora constata a extrema variabilidade desse sentimento segundo a cultura e as ambições ou as frustrações da mãe. O amor materno, então, seria um sentimento como outro qualquer e, como tal, é incerto, frágil e imperfeito; contrariando a crença generalizada de que o amor materno está profundamente inscrito na natureza feminina.

Segundo Badinter (1985), a mãe, uma mulher casada que tem filhos legítimos, é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do marido ou com os desejos do filho. Assim, a autora defende que toda pesquisa que envolva a investigação acerca da ordem do materno deve levar em conta essas diferentes variáveis. É impossível, portanto, mencionar um integrante da família sem falar dos outros dois, da relação triangular e de como os vínculos são estabelecidos entre eles.

Pensar a triangulação afetiva implica ainda em compreender a produção de subjetividade na perspectiva da família. Segundo Polak (2004), os estudos que focalizam a relação família-sujeito delineiam um terreno em que alguns indicadores se apresentam como parte do processamento psíquico inerente à formação do sujeito na família. A questão da identificação tem sido apontada como central nesse processamento, na medida em que se

constitui como dispositivo necessário à formação dos vínculos entre os membros do grupo familiar. Além disso, ele funciona como importante fundamento para a transmissão psíquica entre as gerações que se organizam, sobretudo, no espaço *interpsíquico* deste grupo.

Ainda sobre os processos identificatórios, Dunker (2001) relaciona-os com a manutenção e transmissão dos sintomas na família. Segundo o autor, o sintoma se transmite na família, pois é o pequeno universo de alteridades capaz de definir em que termos e por quais meios o sofrimento é legítimo e, qual forma de mal-estar se caracterizará como sintoma. O termo *unheimlich*, que reúne o familiar ao estranho na apreensão do inconsciente, expressa justamente essa intolerância e incômodo que as famílias mantêm em relação aos sintomas de seus membros.

No bojo de tal argumentação, Freud auxilia e sustenta a investida. Freud (1996/1919), na obra *O estranho*, utiliza o conto de Hoffman, *O homem da Areia*, para vincular a noção de estranho com algo conhecido e familiar, ainda que assustador. O autor faz referência ao estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos como evidências de que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. O *autocegamento* de Édipo, portanto, pode ser interpretado como uma forma atenuada do castigo da castração. Freud considera a estranheza como o retorno em si e à secreta familiaridade do fenômeno. Isto indica que o estranho não é nada novo ou alheio, mas algo que apenas teria sido ocultado pela repressão. Seria, portanto, algo originalmente conhecido que deveria ter permanecido reprimido, mas emergiu. Herrmann (2001a), a respeito dos ensinamentos da Psicanálise acerca do estranho, afirma: “[...] é provável que o desconhecido seja o mais conhecido, que se esqueceu por um olvido original” (p.17).

Ainda em “O Estranho”, Freud versa sobre um bebê que nasce num estado de imaturidade neurológica que o deixa totalmente dependente de outro semelhante. O outro que o socorrerá nas suas condições de inacabado é a mãe. Esta, por sua vez, busca conceder os

cuidados necessários para a sua sobrevivência, permitindo-lhe escapar do desamparo original. Freud situa aí a origem da experiência de satisfação. Graças à satisfação das necessidades corporais da criança, a mãe se tornará seu primeiro objeto de amor.

Nos estudos freudianos, a incompletude da criança leva-a a construir as representações mentais de ordem parental a partir da alternância de presença e ausência da mãe. Então, quando a mãe não está, a criança pode evocar a satisfação dos cuidados maternos e essas experiências sensoriais estimulam o auto-erotismo do bebê e ao mesmo tempo a vida de fantasia da mãe é veiculada pelos cuidados que desenvolve. Com efeito, juntamente com os cuidados oferecidos ao bebê, a mãe transmite também sua vida imaginária. Por outro lado, o bebê participa ao tecer o vínculo maternal com seus cuidados corporais e com o desejo de satisfação, que logo identifica a mãe como seu objeto (Solis-Ponton, 2004).

Neste sentido, Lebovici (2004) defende a importância de o termo *parentalidade* ser tratado para além do sentido biológico. Não se trata de uma herança genética ou programada, mas sim de uma transmissão *intergeracional*. Sendo assim, as representações materna e paterna são herdadas a partir das experiências diárias da mãe e do pai, da sua dinâmica como casal e como fundadores da sua família atual, mas também, da dimensão *transgeracional*. Esta dimensão engloba os conflitos que estão associados às gerações anteriores e, que de forma inconsciente determinam interações atuais; o que Lebovici (1996) nomeou como *mandato transgeracional*.

A argumentação teórica anterior auxilia a delinear o recorte sobre o qual ensaio me apropriar. Neste movimento, começo a compreender as origens do meu interesse pelo tema família, parentalidade, o mandato transgeracional e suas vicissitudes, que aparece atrelado ao meu percurso como estudante e estagiária da Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia, logo na graduação. Por um ano e meio, o trabalho realizado por mim e pelo grupo de estágio era de atenção às crianças vítimas de abandono, violência física, psicológica e

sexual, abrigadas em uma instituição da cidade. Ao longo dessa experiência, por meio da vinculação com essas crianças, fui tomada por um estranhamento diante das histórias vividas. Porque me deparei inicialmente com a angústia em relação aos fatos tão familiares à cena brasileira e que, ao mesmo tempo, me remeteu ao lugar de estrangeira? Apesar da singularidade das histórias de cada criança em atendimento, sentia que elas pareciam “escravas” de uma condição peculiar em que vínculos frágeis, transitórios e fraturados produziam as marcas das trajetórias familiares. Fui atravessada pelo modo como os conflitos eram reencenados e revividos no contexto terapêutico por aquelas crianças e pela forma como tal vínculo pôde mobilizar tantos movimentos *contratransferenciais*. Desde então, a força deste “estranho e desconhecido afeto” tem movido minhas escolhas acadêmicas. Estudar a dinâmica afetiva familiar tem me ajudado a pensar novas possibilidades de intervenção.

A crença e até a convicção de que a violência sexual *intrafamiliar* não participa da história das famílias, constrói uma distância segura em relação ao tema, idealizando a família. Passei a trilhar um percurso de tentativa de revelação sobre os significados das minhas inquietações e encontro uma trilha peculiar. Os meios de acesso, revelação e análise sobre os conteúdos ligados à violência na família, acontecem por meio da mitologia, arte, literatura, cinema e folclore. Assim, os filmes, os livros e a arte em geral podem tratar de temas que abarcam grande dificuldade de aceitação com sensibilidade e evocação afetiva, permitindo que as fantasias, dúvidas e medos possam emergir.

Segundo Furlani (2007), os monstros, assim como figuras folclóricas, originam-se de um entendimento metafórico de algum momento social, de alguma passagem cultural, sendo, portanto, específicos de contextos históricos e locais. São muitos os monstros materializados, corporificados em horrendas personagens que flutuam na imaginação humana, quer seja pela literatura universal, quer pela memória popular ou pelos registros potencializados nos

artefatos da tecnologia moderna, as representações da vida humana estão repletas de figuras mitológicas, personagens cinematográficas ou do folclore popular.

O autor afirma que não há na cultura ocidental, um personagem monstruoso que expresse, exclusivamente, a sexualidade ou o sexo. Entretanto, essas duas temáticas são tabus sociais suficientemente poderosos para constituir inúmeras metáforas moralistas e conservadoras, presentes nos personagens culturais corporificados em monstros, em um estado simultâneo de interdição, repulsão e atração. Na cultura brasileira há vários exemplos. *A Mula-sem-cabeça* é uma mulher malvada que namorou um padre e nas noites de quintas-feiras se transformava. O encanto quebrava-se caso alguém conseguisse tirar o freio de ferro de sua cabeça, surgindo, em seu lugar, uma mulher arrependida. *A Porca dos sete leitões*, no folclore paulista, é a alma penada da mãe que provocou o aborto de sete fetos. Ela persegue maridos que ficam na rua fora de hora. *O Boitatá* é uma gigantesca cobra de fogo e, segundo a lenda, ela é a alma penada de um menino pagão ou de pessoas que cometeram incesto. Já o *Boto*, um peixe da Amazônia que se transforma em um rapaz bonito e conquista as mulheres para levá-las ao rio, é um pretexto para as moças justificarem a gravidez fora do casamento e também para encobrir os responsáveis por muitas das gestações infantis que ocorrem na região. Assim, nesta região, grande parte dos ditos filhos de boto, são na verdade frutos de relações incestuosas.

Podemos encontrar referências ao incesto na mitologia grega por meio do mito de Édipo, tratado pelo dramaturgo Sófocles na tragédia *Édipo Rei*. Relido por Freud (1996/1924), que através dele elaborou suas ideias sobre a relação dos filhos com o genitor do sexo oposto, o complexo de Édipo ilustra a universalidade do conflito humano na tríade: pai, mãe e filho. O mito baseia-se na história de Édipo, filho de Laio e Jocasta. Édipo, ainda bebê é afastado do reino de Tebas por uma advertência do oráculo. Já homem, quando retorna à sua terra sem saber de sua origem, mata Laio por uma discussão e casa-se com Jocasta. Ao saber

que era o assassino de seu pai e que havia se casado com sua mãe, fura os próprios olhos e renuncia ao trono (Sófocles, 1993).

Faiman (2004) define o Complexo de Édipo como o complexo de ideias e sentimentos relacionados aos desejos incestuosos, com proibições e desdobramentos. Os pais exercem funções específicas no desenvolvimento da criança e são protagonistas das primeiras fantasias sexuais, que configuram o Complexo de Édipo, ocupando um lugar central na teoria psicanalítica. A interdição à realização dos impulsos incestuosos tem uma importância central no desenvolvimento psicológico, considerada paradigma da possibilidade de reconhecimento, pelo sujeito, de que existem limites para a realização de seus desejos, para sua conduta e que balizam o reconhecimento de si.

Dessa forma, o Complexo de Édipo é considerado uma das problemáticas fundamentais da teoria psicanalítica, pois considera que o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Em *Totem e Tabu*, Freud (1996/1913) afirma que os humanos estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Na verdade a organização social parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecução. A violação da proibição é vingada da maneira mais enérgica por todo o clã, como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda a comunidade ou como se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando, denunciando que tamanha proibição deve-se a uma extrema sensibilidade em relação ao assunto, por um desejo universal equivalente.

Estudar o fenômeno incesto implica estudar a cena incestuosa, ou seja, o “terreno fértil” no qual ele acontece, atentando para o envolvimento inconsciente de toda a família; daí a importância do estudo sobre a dinâmica vinculativa dos sujeitos envolvidos. Assim, este trabalho tem como objetivo geral compreender a vinculação mãe e filha na família incestuosa, a partir de um recorte na cena-dinâmica familiar. Objetiva-se, especificamente, analisar o

incesto enquanto herança psíquica familiar, trazendo a discussão para a inserção na estrutura edípica da família. Para tal, as artes – literatura, cinema, em especial – serviram de alicerce reflexivo e analítico em parceria com a Psicanálise e o exercício interpretativo que o método evoca.

O tema mãe e filha é frequentemente encontrado na mitologia, cinema e literatura. Inspirada nesses dispositivos os elegi como um poderoso aliado na travessia de estudo deste tema. Fernandes (2005) mostra a semelhança entre o cinema e o sonho. Segundo o autor, desde o início da civilização, o homem, mobilizado pelo desejo, busca a escolha de um recinto escuro e silencioso, onde o mundo é colocado em parênteses, para viver uma experiência imaginária, com todas as emoções, sem riscos e isento de culpas e medos, sabendo que, após ter vivido essas emoções proibidas e perigosas, pode sair delas como se acordasse de um pesadelo. O cinema conduz ao desconhecido mundo dos sonhos, da fantasia.

E é por meio desta arte que me proponho ser a narradora de uma história. A decupagem (do francês *découpage*, derivado do verbo *découper*, recortar), originalmente o ato de recortar, ou cortar dando forma, é a técnica de transposição do roteiro literário para o roteiro técnico (Aumont; Marie, 2001). Inspirada na técnica, trago ao foco algumas cenas e passo a mostrar como o filme dessa história pode ser visto, lido e “ouvido” pelo leitor.

Os capítulos a seguir contam com uma revisão dos principais autores que tratam dos assuntos referentes à dissertação. A bagagem teórica pesquisada funcionou como apoio e inspiração para as interpretações e para o mergulho no caso pesquisado.

O segundo capítulo introduz a arte enquanto um recurso facilitador para o acesso aos temas de difícil compreensão social. Neste sentido, o cinema e a literatura são abordados e integrados à discussão; exemplos de obras cinematográficas e literárias sobre o incesto e a relação mãe e filhos são relatadas e iniciam a reflexão a respeito do tema.

O terceiro capítulo propõe um percurso histórico sobre família. A violência, parte da experiência humana, é abordada como fundadora da civilização e determinante da subjetividade. Por outro lado, considera-se a contemporaneidade e seus sintomas, que resistem ao pensamento, para abordar a violência aniquiladora, como nos casos de incesto.

O capítulo quatro trata das possibilidades e vicissitudes na relação mãe e filha. A imersão nesse contexto aponta a ambivalência como o fio condutor das representações que mãe e filha constituem na esfera familiar. O recorte desta relação em uma família incestuosa aponta para o caos e a inserção da mãe na questão incestuosa passa a conceber a violência sexual com base em aspectos *transgeracionais*.

Os dois últimos capítulos, quinto e sexto, contam sobre a interpretação enquanto ferramenta de análise a partir do meu contato com o caso. Com base nos objetivos da pesquisa, mãe e filha foram entrevistadas. As minhas leituras e releituras das entrevistas transcritas proporcionaram um mergulho edificado no exercício interpretativo.

2 - PSICANÁLISE E ARTE

"A arte não reproduz o que vemos. Ela nos faz ver". A frase do escritor francês Paul Klee (1977) traduz a liberdade individual de analisar toda e qualquer manifestação de arte e também de fazê-la. Por meio dela, considero o estudo e análise dos temas recorrentes à família e violência, um mergulho sem barreiras através das possibilidades afetivas de tratar a realidade utilizando-se da fantasia e da ilusão.

De acordo com Frayze-Pereira (2006), pensar psicanaliticamente implica escutar, mais ou menos intensamente, as questões singulares e comoventes, isto é, ambíguas e por isso mesmo perturbadoras, daquele que sofre, portanto, daquele que vive. Nesse processo, cabe ao psicanalista, junto ao seu outro, dar forma à dor do inarticulado; semelhante ao que se passa no plano do fazer artístico. Assim como o artista coloca no mundo um ser que jamais foi visto, ouvido ou tocado antes dessa instauração, pensar esteticamente supõe fazer contato com esse campo de passagem entre o não-ser artístico e a forma perceptível, bem como pensar psicanaliticamente implica transitar entre o não dito e o dizível. O autor considera a experiência estética vizinha da experiência psicanalítica: “uma silenciosa abertura ao que não é nós e que em nós se faz dizer” (*Ibid*, p.24).

Segundo Rosenfeld (1999), a Psicanálise entrecruza-se com a arte desde sua origem. Ao contrário da posição de alguns autores, a autora defende que a Psicanálise não é apenas fruto do trabalho de um homem só. De acordo com a mesma, ela também está vinculada às questões de sua época, principalmente às ideias que transpiravam dos movimentos artísticos da Viena *fin-de-siècle*, que tinham como representantes artistas como o "duplo" Schnitzler, Klimt e Schoenberg. A assim chamada "modernidade vienense" caracterizou-se, entre outras coisas, por colocar em cheque a hegemonia da razão, por abrir espaço para o "interior", por

pensar toda unidade como sendo feita de elementos heterogêneos conflitantes e por uma profunda busca das origens.

Telles (2004), afirma que a Psicanálise produz um saber que possibilita perceber outra dimensão psíquica regida pelo desejo inconsciente e sua lógica particular. Integrar esse lado obscuro enriquece a apreciação de uma criação artística e pode permitir, por meio de suas histórias, o acesso às verdades mais recônditas da alma humana. Assim, é atribuída à arte a característica de tocar a fantasia de todos, posicionando, inevitavelmente, o espectador na função de intérprete e leitor do mundo.

Freud (1996/1910), por sua vez, fala da capacidade do artista em criar:

A natureza deu ao artista a capacidade de exprimir seus impulsos mais secretos, desconhecidos até por ele próprio, por meio do trabalho que cria; e estas obras impressionam enormemente outras pessoas estranhas ao artista e que desconhecem, elas também, a origem da emoção que sentem. (p.64)

Maurano (2003), abastecida pela obra freudiana, reafirma a já conhecida frase de que o cientista sempre tem muito a aprender com aquilo que o artista antecipa. Munida de arte e vivente-pensante da Psicanálise, pretendo, neste trabalho, encontrar um espaço que exercite a presença do estranho incestuoso, a fim de evocar sentimentos e reflexões muitas vezes barradas, não capturadas e negadas, mas avivadas também pela arte.

2.1- A experiência do cinema: a vida recortada em cena

De acordo com Zusman (1994), o cinema pode ser considerado um comunicador de mitos. É o mais ágil e talvez aquele que dispõe de uma linguagem mais próxima das representações pictóricas da vida mental, tanto no plano da vigília como no da vida onírica.

Segundo o autor, ainda que se mantenha virtual nos filmes, a imagem ganha objetivação e certo grau de realidade.

Sob a égide da cultura de massa, o cinema transformou-se de invenção em um meio de comunicação cuja soma de técnicas e linguagem conferiu aos homens a possibilidade de reproduzir a realidade, ou melhor, construir versões acerca da realidade. Segundo Oliveira, Oliveira e Iguma (2007), na indústria cultural, os meios de comunicação (rádio, televisão, jornal e cinema) ajudam a ordenar a vida cotidiana, fornecendo materiais com os quais as pessoas forjam suas identidades. Sistemas e valores são construídos a partir de símbolos e mitos que, ao formarem uma rede de sentidos, constituem uma espécie de cultura audiovisual comum, na qual os indivíduos parecem irremediavelmente inscritos: a cultura das mídias. Contudo, a cultura dos meios de comunicação de massa, apesar de hegemônica, passa pela leitura de cada um de nós.

Nesse sentido, o filme é um poderoso recurso, pela força tanto da imagem e da música, quanto pelo vigor dos personagens. Por intermédio dos filmes obtemos informações para compreender e explicar o mundo, o processo de viver humano, a nós mesmos, ao outro, e, ao mesmo tempo, estabelecer relações de identidade e pertencimento entre estes elementos. Os filmes são considerados então, uma fonte importante de conhecimento da realidade, porque, de algum modo, se propõe a “reconstruir” essa realidade (Oliveira; Oliveira & Iguma, 2007).

Nas obras cinematográficas, o incesto e a dinâmica familiar são frequentemente abordados. Porém, os filmes que retratam o incesto pai e filha são minoria. Entre os filmes encontrados e disponíveis referentes à temática, a maioria refere-se ao incesto entre irmãos ou entre outros membros da família. A seguir, a escolha daqueles referidos obedecem a um recorte dos últimos dez anos.

O peso da água (The Weight of Water) é um filme lançado em 2002, nos Estados Unidos, dirigido por Kathryn Bigelow. Jean é uma famosa fotógrafa-jornalista e trabalha para

uma grande revista. Seu chefe a incumbe de fazer uma matéria sobre as Ilhas Schoals, onde ocorrera um duplo assassinato em 1870. Jean encontra documentos e cartas da época do crime e acaba descobrindo o diário de uma mulher que foi apontada como testemunha ocular dos crimes ocorridos na ilha: Maren Hontvedt. Maren nasceu na Noruega e tem dois irmãos: Evan e Karen. Durante a infância, a grande paixão de Maren é o irmão. Na adolescência, na noite em que perdem a mãe (por complicações em um parto), os dois dormem juntos e concretizam o incesto. Este fato marca para sempre a vida de Maren, apaixonada por Evan. Algum tempo depois, Maren se emociona com a notícia de que Evan, seu irmão, está vindo para morar com elas. Só que Evan chega casado com Anethe, despertando um ciúme profundo e secreto em Maren.

Algumas obras são inspiradas em histórias verídicas e exibem retratos verdadeiros desses casos de violência sexual, tão pouco notificados. Este é o caso de *Preciosa – Uma história de esperança*. O filme, também lançado nos Estados Unidos em 2009, foi dirigido por Lee Daniels, baseado no livro de *Sapphire*. Trata da história de uma adolescente de 16 anos, negra e obesa, violentada sexualmente pelo pai e violentada física e psicologicamente pela mãe. A jovem divide um apartamento simples com sua mãe, Mary. A progenitora, que tem seus dias consumidos pelo cigarro e pela televisão, responde agressivamente à maneira da filha ter esperanças de melhoria e a trata como uma empregada doméstica, sempre a acusando de ter lhe tirado o marido. Da relação incestuosa com o pai, Preciosa tem uma filha apelidada de “Mongó”, por ter síndrome de Down. Quando engravida pela segunda vez, novamente do pai, é suspensa da escola e passa a frequentar uma escola alternativa. Lá, Preciosa encontra um meio de enfrentar suas condições.

Os filmes brasileiros também são listados entre aqueles que fazem referência ao incesto. *Lavoura Arcaica* é um deles, filme brasileiro de 2001, dirigido por Luiz Fernando Carvalho. O roteiro é baseado no romance homônimo de Raduan Nassar, publicado em 1975.

Lavoura Arcaica narra em primeira pessoa a história de André, que se rebela contra as tradições agrárias e patriarcais impostas por seu pai e foge para a cidade, onde espera encontrar uma vida diferente da que vivia na fazenda de sua família. Quando é encontrado em uma pensão por seu irmão Pedro, passa a contar-lhe as razões de sua fuga e do conflito contra os valores paternos. Sem ordem cronológica, André faz uma jornada sensível a sua infância, contrapondo os carinhos maternos e os ensinamentos quase punitivos do pai. Nesse trajeto, a paixão incestuosa por sua irmã Ana, e sua rejeição, exercem papel fundamental na decisão de fugir da casa da família. A mãe desesperada manda o primogênito Pedro buscá-lo para tentar reconstruir a paz familiar. Trazido de volta para a fazenda, André é recebido por seu pai em uma longa conversa e uma festa que, ao invés de resolverem o conflito, evidenciam a distância intransponível entre as gerações. Por essa razão, a história é muitas vezes descrita como uma versão invertida da parábola do filho pródigo.

A Festa da Menina Morta é o primeiro longa-metragem dirigido pelo ator Matheus Nachtergaele. Lançado em 2008, a história trata de uma pequena população ribeirinha do alto Amazonas que tem como costume comemorar a festa da menina morta. O evento celebra o milagre realizado por Santinho, que após o suicídio da mãe recebeu em suas mãos, da boca de um cachorro, os trapos do vestido de uma menina desaparecida. A menina jamais foi encontrada, mas o tecido rasgado e manchado de sangue passa a ser adorado e considerado sagrado. A cada ano as pessoas visitam o local para rezar, pedir e aguardar as "revelações" da menina, que através de Santinho se manifestam no ápice da cerimônia. O incesto não é o tema principal da obra, papel que cabe à religião, no entanto, é uma das questões polêmicas levantadas pelo filme (diz respeito a uma cena de incesto entre um pai e um filho).

Do Começo ao Fim, de 2009, é dirigido por Aluizio Abranches. Trata-se da história de Francisco, Thomás e de sua família: Julieta, Alexandre e Pedro. Com uma narrativa particular o filme pretende contar a história de um amor como uma possibilidade. Julieta é médica de

um hospital e trabalha no setor de emergência. É casada pela segunda vez com Alexandre, pai de Thomás. Pedro, seu primeiro marido e pai de Francisco, mora na Argentina. Durante a infância, os irmãos são muito próximos, talvez próximos demais, segundo Pedro, que passa uma temporada com eles em Buenos Aires. Anos mais tarde, quando Francisco tem 27 anos e Thomás 21, Julieta morre repentinamente em um acidente de carro. Francisco e Thomás se tornaram amantes e vivem uma história de amor.

Os sonhadores é um filme ítalo-franco-britânico de 2003, realizado por Bernardo Bertolucci. O filme é baseado no romance de Gilbert Adair chamado *The Holy Innocents*, em português, *Os Inocentes Sagrados*. Na trama desta obra, Matthew é um jovem que em 1968, vai a Paris para estudar. Lá, ele conhece os irmãos gêmeos Isabelle e Theo, que vivem uma relação incestuosa. Os três, logo, se tornam bons amigos, dividindo experiências e relacionamentos enquanto Paris vive a revolução estudantil.

O filme *Volver* (2006), de Almodóvar, também aborda a temática do incesto. O filme retrata três gerações de mulheres de uma mesma família originária de um vilarejo: Raimunda (Penélope Cruz), que tem o marido assassinado por Paula (Yohana Cobo), após a jovem sofrer uma tentativa de violência sexual; sua irmã Sole (Sola Dueñas), uma cabeleireira; e sua mãe Irene (Carmem Maura) – que depois de anos dada como morta surge como uma aparição, primeiro para Sole e em seguida para Raimunda com quem tenta se reconciliar por problemas do passado.

Ocupa posição central na trama, o fato de Irene destruir a casa ateando fogo ao casal (marido e amante), pela raiva de sentir-se excluída, traída e principalmente para vingar-se do crime de incesto praticado pelo marido com a filha Raimunda, gerando Paula – sua neta. Paula mata o pai-padrasto, marido de Raimunda, após também ter sido violentada por ele.

Rito (1998) trata de algumas imagens marcantes de mães retratadas no cinema. A autora seleciona filmes emblemáticos, nos quais a mãe desempenha o principal papel, ou um

dos papéis mais importantes. *De repente, no último verão*, de Joseph Mankiewicz (1959) conta a história de uma mãe que não aceita a homossexualidade do filho, morto por um grupo de rapazes numa viagem de férias.

Psicose, de Alfred Hitchcock (1960), um dos filmes mais famosos do suspense, conta a história de um homem inconformado com a morte da mãe. Dono de um motel, ele mata a facadas no chuveiro uma hóspede, deixando a suspeita que assim teria matado a própria mãe, que não deixava que ele se interessasse por nenhuma mulher.

Kramer VS Kramer (1980), de Robert Benton conta a história de Meryl Streep, que disputa o filho com Dustin Hoffman depois de tê-lo abandonado ao se separar do marido para refazer sua vida profissional. *Mamãe faz 100 anos* (1980), de Carlos Saura, trata da história de uma mãe muito possessiva, que é salva por uma filha de ser envenenada pelo filho.

A Escolha de Sofia (1982), de Alan Pakula, é baseado no livro de William Sytron. Novamente com Meryl Streep, que representa o papel central. Trata-se de uma imigrante polonesa que não consegue esquecer a dramática escolha que fez quando era prisioneira dos alemães. Foi obrigada a se decidir por um dos filhos. Um ficaria para morrer e o outro poderia acompanhá-la.

Mamãezinha querida (1982), de Frank Perry, retrata a crueldade de uma mãe com dois filhos adotivos, obrigando-os a manter a casa limpa, arrumar o quarto e fazer-lhe todas as vontades.

Lançado recentemente, *O cisne Negro* (2011) é a história de uma bailarina que ganha o papel principal na peça *O Lago dos Cisnes*. Trata-se de uma princesa que se transforma em um cisne branco e precisa do amor sincero de um príncipe para retornar à vida humana. O príncipe, porém, se enfeitiça pelo Cisne Negro, que apesar de dissimulado apresenta o poder da sedução. Assim, o Cisne Branco suicida diante do fato. Nina, a bailarina, nasceu para fazer o Cisne Branco. Completamente castrada, vive com a mãe, que lhe controla toda a vida. O

diretor mostra que é na relação mãe e filha que mora o segredo do filme. A figura do pai de Nina nem é mencionada, mostrando-a como propriedade única e exclusiva da mãe controladora.

Os filmes citados explicitam como o cinema é um aliado valioso, um recurso que resgata aspectos afetivos e simbólicos, por vezes inacessíveis, e produzem novas incursões sobre os dramas, promovendo releituras interpretativas fundamentais ao presente estudo. O cinema é o grande fio condutor por meio do qual me deixo envolver pelos personagens enquanto penso nas possibilidades interpretativas.

2.2- (Re)escrita dos dramas familiares

Na pesquisa de todas as ciências há uma parcela de arte combinada; na nossa a arte envolvida é predominantemente a literatura, a qual, muito antes de nós soube apreender e revelar o labiríntico e contraditório sentido da existência dos homens. Freud explorou com excelência essa combinação, onde enquanto ciência, a Psicanálise é arte, mas sempre faz ciência, quando é literatura. (Herrmann, 2004, p.61)

Os romancistas e poetas são convocados a ensinar sobre a subjetividade humana. Um romance revela, por meio dos personagens, traços da vida subjetiva. Caldas (2006) compara o processo do tratamento analítico com a escrita literária. Segundo a autora, ao longo do tratamento analítico, angústia e sintoma comparecem lado a lado: o tratamento de uma passa pelo do outro. A angústia é tratada pela via do sintoma, por um fazer significante que escreve para o objeto um litoral; por outro lado, o tratamento do sintoma se beneficia da angústia, uma vez que ela é correlata à ruptura na construção significante. Essa ruptura no trabalho repetitivo inconsciente instala as condições para fazer algo de novo com o sintoma, se possível, mais reduzido de gozo. Essa é a articulação clínica entre angústia e sintoma. Usar a angústia como

um sinal do real e, portanto, dar chance ao atravessamento de uma dada realidade sintomática em direção à construção de uma nova.

A escrita literária tem exatamente essa mesma estrutura, de acordo com Caldas (2006). Trata-se de uma escrita que, a partir do material consagrado e tradicional da linguagem, propõe uma construção inédita, fruto da estranheza que o familiar pode causar. O estranhamento pode servir, portanto, de partida para uma construção que permita uma maneira de viver a realidade fora do senso comum.

As diferentes formas e arranjos de famílias encontradas atualmente fazem do estudo acerca deste tema desafiador. Na literatura brasileira a obra *O cheiro de Deus*, de Roberto Drummond (2001), conta dos Drummond, uma família do interior de Minas Gerais, onde os homens têm nome de uísque e os casamentos incestuosos são frequentes. A protagonista é Inácia Micaéla, uma mulher de 65 anos, cega e que apura cada vez mais seu olfato, tentando descobrir qual é o cheiro de Deus. Em busca desse cheiro, chega a acreditar que talvez ele se assemelhe às coisas mais estranhas – como o cheiro da classe operária. Viridiana, filha de Inácia Micaéla, foi aquela que não se casou para evitar outro incesto na família, representando talvez o interdito.

O romance: *Episódios da Vida Romântica*, ou como é conhecido *Os Maias*, foi publicado em 1888 e é considerado como a mais bem acabada obra de Eça de Queirós. *Os Maias* tem como tema principal o caso de incesto entre Carlos da Maia e Madame Castro Gomes, que na verdade é Maria Eduarda, irmã desaparecida de Carlos. A história se desenvolve em duas linhas de ação: a primeira, em torno do amor incestuoso de Carlos e Maria Eduarda; e a segunda, sobre a vida ociosa e desregrada da burguesia de Lisboa.

Em 1945 Nelson Rodrigues escreveu a peça *Álbum de família*. Os censores do governo Dutra proibiram a peça em todo o país sob a alegação de que "preconizava o incesto" e "incitava ao crime". A peça rotulou Nelson, definitivamente, de autor maldito. Em *Álbum de*

Família, Nelson Rodrigues mostra o cotidiano de uma família formada pelo casal, os quatro filhos e uma tia solteira. O incesto, grande tabu da humanidade, aparece na peça como uma das personagens principais. Glória, a filha, é apaixonada pelo pai; Edmundo, o filho, é apaixonado pela mãe; Guilherme, o primogênito, castrou-se para não ameaçar a virgindade da irmã, por quem ainda é apaixonado; Jonas, o pai, compensa o amor irrealizável pela filha mantendo relações sexuais com meninas de 12 a 16 anos na própria casa; Dona Senhorinha, a mãe, é apaixonada pelo filho Nonô, que vive nu pelos arredores da fazenda. Em *Álbum de família* os personagens constituem uma família vivendo de forma isolada da realidade social. Mostram o homem regido pela lei do desejo, transgredindo as regras sociais e retratam uma sociedade patriarcal decadente.

Cem Anos de Solidão, *Cien Años de Soledad* no título original (1967), é uma obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez e é atualmente considerada uma das obras mais importantes da literatura latino-americana. O romance centra-se numa família, a do fundador de Macondo, Jose Arcadio Buendía e os seus muitos descendentes. Outro núcleo da história é o cigano Melquíades, que chega durante a fundação e deixa na casa dos Buendía um manuscrito com toda a história do que se passaria em Macondo, mas que só poderá ser decifrado pelo último descendente. Nesta obra também se aborda o tema do incesto, temido pela fundadora do clã, Úrsula. Quando por fim o incesto se verifica, chega o fim de Macondo e dos Buendía.

O livro *Helena*, escrito por Machado de Assis (1987), retrata mais uma história de relacionamento incestuoso entre irmãos. Conselheiro Vale era um homem rico, e tinha um relacionamento com uma mulher que havia migrado do Rio Grande do Sul. Ela tinha uma filha, Helena, a qual ele assumiu a paternidade deixando seu nome em seu testamento. Todos acreditam nisso, porém Helena sabe que não é verdadeiramente sua filha, mas não revela a verdade com o objetivo de ascender socialmente. No decorrer da narrativa, Helena e Estácio

acabam se apaixonando. Ele sofre muito por se apaixonar por sua suposta irmã, o que era um pecado. Helena, também apaixonada por Estácio, não revela a verdade para não perder a fortuna herdada na herança. Porém, toda a verdade é descoberta por Estácio, no mesmo dia em que Helena adoentou-se. À beira da morte, Helena é cuidada por Estácio, que lhe revela o segredo descoberto. Pouco depois, Helena morre.

Debruçar-me sobre o tema incesto por meio da arte – debruçar aqui, de acordo com Herrmann (1993), vinculado ao contexto transferencial que a obra evoca quando um pesquisador se debruça sobre o seu objeto, pensando psicanaliticamente – auxilia a pensar sob o viés da estética da subjetivação e a produção de interpretações possíveis diante do drama da cena incestuosa.

Conto novamente com Freud (1996/1914) para auxiliar na peregrinação por este espaço de nomeação. No texto “Moisés de Michelangelo”, Freud inicia com uma confissão:

[...] as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito [...] Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreende-las a minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve seu efeito [...] Uma inclinação racionalista ou talvez analítica, resiste em mim contra o fato de comover-me sem saber porque me comovo e o que é que me comove. (p.103)

Passo a compreender, na confecção gradativa de uma jornada teórica, que a arte é um poderoso recurso para dar forma ao não dito. A obra comunica e intensifica, desvela e desnuda o estranho no poderoso reduto inconsciente.

3- FAMÍLIAS: LAÇOS E VÍNCULOS NA VIOLÊNCIA

Lévi-Strauss (1976) afirma que a vida familiar está presente em todas as sociedades humanas, mesmo aquelas com os hábitos mais distintos dos nossos. A diversidade das formas e organizações de família em todo o mundo apresenta a argumentação de que as formas de família tal qual conhecemos são resultados de um lento e longo percurso sócio-cultural.

Roudinesco (2003) distingue três grandes períodos na evolução da família. Primeiramente a família dita “tradicional”, acima de tudo com a função de assegurar a transmissão de um patrimônio, verdadeira transposição da monarquia de direito divino. Os casamentos são então arranjados entre os pais sem que a vida sexual e afetiva dos futuros esposos, em geral unidos em idade precoce, seja levada em conta. Nessa ótica, a célula familiar repousa em uma ordem do mundo imutável e inteiramente submetida a uma autoridade patriarcal. Numa segunda fase, a família dita “moderna”, fundada no amor romântico, sanciona a reciprocidade dos sentimentos e os desejos carnavais por intermédio do casamento. Mas valoriza também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação, sua nação é encarregada de assegurar. A atribuição da autoridade torna-se então motivo de uma divisão incessante entre o Estado e os pais, de um lado, e entre os pais e as mães, de outro. Por fim, a partir de 1960, a família dita “contemporânea” ou “pós-moderna”, que une dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual. Nesta, a transmissão da autoridade vai se tornando cada vez mais problemática, visto que os divórcios e recomposições conjugais aumentam. Segundo a autora, portanto, a família dita “nuclear”, composta por pai, mãe e filhos(s), tal qual conhecemos hoje em dia, é fruto de uma longa evolução.

Diante dessa pluralidade de formas e arranjos de famílias, se faz incoerente reduzir todas elas a um único formato idealizado de compreensão. Assim, o argumento de Neves

(2009) de que a família não comporta uma única definição, merece destaque. A autora enfatiza a importância dos saberes produzidos por diversas disciplinas para que o substantivo *família* seja contextualizado ao se pensar em conceitos e significados.

A família é definida como uma instituição social básica, fundamental para a formação do indivíduo, um sistema de relações que inclui pessoas ligadas por parentesco e/ou que se sentem pertencentes a um determinado contexto (Araújo, 2002; De Antoni & Koller, 2000).

De acordo com Neves e Romanelli (2006), a família é o *cenário* das versões controversas sobre amor e agressão, confiança e abuso, respeito e invasão. Segundo os autores, as histórias das famílias fazem um apelo para as reminiscências das dores sentidas, e as lembranças acessadas incluem as versões compostas pelas gerações que antecederam a versão atual de família. Portanto, o cenário, a casa, incorporadora de sentimentos nutridos pela história humana, não é uma obra arquitetônica, social, cultural e econômica apenas. Ela é ainda a casa da família, lugar e refúgio de um agrupamento peculiar, que produz e reproduz singularidades e subjetividades a partir da coletividade. Assim, a família é uma unidade dinâmica, um grupo social, um espaço de convivência fundamental ao desenvolvimento dos sujeitos; contudo possui características e funções próprias, que são historicamente questionadas e redefinidas. (Neves, 2009).

Segundo Dahlberg e Krug (2006), a violência provavelmente sempre fez parte da experiência humana. Seu impacto pode ser mundialmente verificado de várias formas. A cada ano mais de um milhão de pessoas perdem a vida, e muitas mais sofrem ferimentos não fatais resultantes de auto-agressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva. Em geral, estima-se que a violência seja uma das principais causas de morte de pessoas entre 15 e 44 anos em todo o mundo.

A violência é um fenômeno relatado desde a Antiguidade e cuja complexidade dinâmica emerge da vida em sociedade (Filho, 2001). Para que exista uma vida em sociedade,

os impulsos e instintos sexuais humanos precisam ser reprimidos. Portanto, a civilização vai à contramão da natureza pulsional do homem.

De acordo com Ferrari (2006), a história da humanidade é repleta de atos considerados violentos e agressivos, já descritos até mesmo na Bíblia e na filosofia clássica. A autora utiliza o exemplo de Platão (1990), no Livro IX da República. Nele, Platão faz um retrato do homem tirânico, o mais violento dos homens, visto que é hospedeiro de todos os vícios. Situar os atos agressivos no coração da civilização, como o fez Freud, parece mais sensato que buscar estatísticas e preocupar-se em avaliar se antes havia mais ou menos atos considerados agressivos e/ou violentos que hoje. Para a Psicanálise, a violência é um referencial que aponta que o encontro com a linguagem não é sem consequências para o humano. Compreender a violência supõe adentrar na constituição do laço social, considerar os discursos que imperam em dado contexto histórico e não perder de vista as formas como os sujeitos são capazes de responder aos mesmos, já que a pulsão está presente também em momentos pacíficos (Ferrari, 2006).

Segundo Marin (2002), a Psicanálise aponta, desde Freud, que a violência enquanto fundadora da civilização é determinante da subjetividade. A autora sinaliza o homem da cultura como herdeiro e cúmplice de um crime, fato que tenderá a ser negado e perpetuado por toda a humanidade. As vicissitudes do complexo edípico retomam, na constituição da subjetividade de cada um, os elementos que levam a pensar na questão da violência como elemento fundante da subjetividade: amor à mãe, ódio ao pai, que é o obstáculo àquele amor, supressão do desejo de assassinar o pai por temor à castração, submissão ao outro para preservar subjetividade.

Por outro lado, a contemporaneidade deve ser considerada. Ferrari (2006), afirma que mudanças dizem de sintomas contemporâneos, de patologias do ato, entre outras expressões, para indicar a característica peculiar desses sintomas que resistem ao trabalho que usa a

palavra. São os sintomas de um mal-estar subjetivo que supõe evitar o conflito interior por meio do não exercício do pensamento, mesmo que manifestos por sujeitos que tenham condições de pensar. Nessas formas sintomáticas tem sido incluídas anorexias, bulimias, toxicomanias, mas também, a violência. Nesse contexto, hoje se trata da violência como sintoma.

Marin (2002) complementa argumentando que um dos maiores temores do homem contemporâneo é assumir o ser violento, tendo assim que reprimir e frustrar tal condição. Segundo a autora, se não formos capazes de assumir nossa própria violência, que é reativada em toda experiência de relação com o outro, ao descobrirmos a distância, a fissura, que paradoxalmente toda relação significativa impõe, abandonaremos-nos, a nós e o outro, ao desamparo. E mais, estaremos muito próximos de nos responsabilizarmos pela violência aniquiladora, no sentido de se ir ao ato para a satisfação das necessidades, por meio de uma descarga imediata. Enquanto isso, assumindo o lugar da lei e da ordem, maiores têm sido as manifestações de violência na sociedade.

3.1- O desejo incestuoso: um estranho familiar

De acordo com o antropólogo estruturalista Lévi-Strauss (1976), a proibição do incesto era considerada como uma medida de proteção, protegendo as espécies dos resultados das reproduções dos casamentos consanguíneos. Esta teoria, porém, procura estender tal fato a todas as sociedades humanas, mesmo aquelas mais primitivas, que não conheciam as consequências da união endogâmica. Portanto, essa justificativa para a proibição do incesto não é de origem muito antiga, não aparecendo em lugar algum da nossa sociedade antes do século XVI. Cohen (1993) acrescenta outro aspecto que pode reforçar a não importância da

consanguinidade para a interdição do incesto: a proibição do casamento entre parentes por afinidade.

Freud (1996/1913) trata do incesto em “Totem e Tabu”, como a característica do sistema totêmico (subdivisões de grupos menores, ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo o seu totem) que despertou maior atração aos interesses dos psicanalistas. Isso porque, em quase todos os totens encontrados estavam presentes as leis contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem, uma imposição, dessa forma, à exogamia. A punição para esses casos era tão severa, muitas vezes resultando até na morte do homem e no espancamento da mulher: “Vemos, então, que esses selvagens têm um horror excepcionalmente intenso ao incesto, ou são sensíveis ao assunto num grau fora do comum [...]”. (*Ibid*, p. 8).

Roudinesco (2003) assegura que a proibição do incesto é tão necessária para a criação de uma família quanto à união de duas pessoas de gêneros diferentes. A autora afirma que a proibição é uma construção mítica, um fato de cultura que proíbe os atos incestuosos porque eles existem na realidade. Por isso, argumenta que o casamento entre parentes próximos foi admitido nas civilizações antigas, antes de ser proibido pela Igreja Católica.

Segundo Cohen (1993), na história da humanidade, algumas sociedades permitiam que seus membros mais ilustres transgredissem o tabu do incesto. No antigo Egito, por exemplo, as uniões entre irmãos eram impostas aos faraós em homenagem ao mito dos deuses Ísis e Osíris. Os reis peruanos da época pré-colombiana, também se casavam com suas irmãs, em homenagem ao Sol e à Lua, de forma a perpetuar a santidade da dinastia. Já no extremo oriente eram feitas referências aos hábitos incestuosos na Tailândia, Birmânia, China e Japão. Também entre os fenícios era permitido o matrimônio do pai com a filha, da mãe com o filho e esse hábito foi mantido durante o antigo império Persa.

Freud (1996/1913) faz uma ligação entre o sistema de classes matrimoniais, que, além do incesto natural e de grupo, proíbe o casamento entre grupos de parentes mais distantes, como a Igreja Católica, que preservou essa proibição contra o casamento entre irmãos e irmãs até ao casamento entre os que são ditos parentes espirituais, de acordo com a Igreja (como padrinhos, madrinhas e afilhados).

Questiona-se frequentemente o porquê da proibição do incesto na maioria das sociedades, desde as mais antigas, visto que apesar de considerado um crime hediondo, era aceito e glorificado em algumas civilizações. Freud em “Totem e Tabu” atribui a necessidade de tamanha proibição a um desejo universal equivalente. Isso significa que o desejo incestuoso é parte da constituição humana.

Freud (1996/1930), em “O mal estar da civilização”, afirma que o desejo incestuoso, presente em todos os seres humanos, deve ser reprimido para a sobrevivência da civilização. O autor considera o mesmo como anti-social e que a civilização consiste numa progressiva renúncia a ele. A proibição do incesto seria como um estruturador mental. Ele considera que é através da repressão dos desejos incestuosos que se estrutura o aparelho psíquico em *id*, *ego* e *superego*.

Compartilhando do mesmo argumento, Cohen (1993), em *O incesto um desejo*, destaca a proibição do incesto como um fator organizador. Considera que a não ocorrência do incesto permite a diferenciação e a simbolização de funções dentro da família (pai, mãe e irmãos), possibilitando o desenvolvimento do sujeito e da família.

De acordo com a teoria do trauma apresentada por Freud em 1895 no texto “Proton Pseudos”, uma situação na qual um adulto buscasse satisfação sexual com a criança (cena de sedução), não seria imediatamente compreendida por ela. Dessa forma, a cena permaneceria como um “cisto mnêmico”, um traço de memória ao qual não é possível atribuir um sentido e integrar na cadeia de representações. Mais tarde, quando pelo próprio desenvolvimento, a

criança acendesse à sexualidade, outra cena, de caráter sexual poderia evocar associativamente a primeira que adquiriria então, retroativamente, um sentido sexual. Essa nova conotação sexual desencadearia um afluxo de excitação excessivo relativamente à capacidade que o indivíduo tem para dominar e elaborar psiquicamente as excitações, configurando-se assim um trauma.

Ferenczi (1933), no texto *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*, trata da relação entre a criança e seu violentador sexual, da sua identificação com o mesmo. O autor aborda a questão do traumático traçando os meios de como a violência sexual invade o psiquismo da criança, ocasionando uma possível cisão com a realidade e uma acomodação à situação da violência sexual. O autor indica que existe uma confusão de línguas entre adultos e crianças. Por parte da criança, sob a forma de brincadeira, se dá uma sedução que Ferenczi (1933) chamou de *linguagem da ternura*, correspondente a uma organização sexual e psíquica anterior à sexualidade sob o primado do genital. O adulto não reconhece essa linguagem e responde com o que Ferenczi chamou de *linguagem da paixão*. Esta experiência real e incompreensível pela criança é acompanhada pela negação, ou seja, pela afirmação de que não aconteceu nada. Esta negação por parte do adulto, denominada de desmentido, torna-se condição para a constituição do traumático.

Compreender o incesto, necessariamente, implica uma reflexão sobre a família, uma vez que as relações incestuosas ocorrem no espaço familiar. Lá são construídos e vivenciados os vínculos essenciais à formação da personalidade. A família na nossa sociedade é vista como a instância encarregada da proteção e provisão afetiva de seus membros.

De acordo com Matias (2006), tomando-se como base as famílias incestuosas e considerando-as como agrupamentos cujos membros adotam um comportamento que se considera desviante das normas, a primeira reação é de se tomar essa família como “patológica”, “desestruturada”, “insensível”. Não obstante, há que se considerar que o cenário

familiar é palco de inúmeras representações. Mesmo com um modelo predominante, surgem os mais variados tipos de agrupamento, os quais têm um ponto comum: a existência de um vínculo afetivo a ligar todos os seus integrantes.

Segundo o autor, diante dessa perspectiva, torna-se importante olhar a problemática do incesto do ponto de vista da tessitura dos vínculos afetivos que se estabelecem entre os membros de cada família.

Pichon Rivière (1998) define vínculo como “a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento” (p. 3). Esse estudioso ressalta o caráter social assumido pelo vínculo.

Para Bustos (1990), o vínculo pode ser definido como “o interjogo entre pessoas, que atuam através de papéis. O vínculo se estabelece ‘entre’ papéis” (p. 79). Entende-se assim que não se considera como vínculo apenas a relação que se configura como amena, protetora e amorosa, mas toda e qualquer relação afetiva, independentemente da qualidade desse afeto.

Esses vínculos podem assumir as mais variadas formas, provocando, sobre o comportamento do indivíduo, efeitos diversos. A configuração que os vínculos apresentam não é a mesma para todos os indivíduos, ainda que estejam na mesma situação vincular. Assim, os vínculos mãe-filho, pai-filho, marido-mulher, assumirão características próprias, podendo sofrer influências de fatores como o tempo, a cultura e o contexto social no qual se apresentem (Matias, 2006). Vários teóricos defendem a ideia de que as relações incestuosas têm suas raízes na forma como se estruturam os vínculos mãe-criança.

Cromberg (2001) propõe a teoria do incesto baseada nos estudos realizados pelo pediatra Aldo Naouri, que descreve algumas particularidades do vínculo afetivo que se estabelece na relação diádica mãe-criança; relação esta fortemente carregada de conteúdo afetivo. Ao desejo da mãe de que ao filho nada falte chama de propensão maternal natural ao incesto, e afirma que ela é indispensável ao bebê. No entanto, esta solicitude teria por

inconveniente, para o bebê, a ideia de que essa mãe é todo-poderosa, e que não pode nem deve mesmo lhe recusar nada. Se essa solicitude cresce em demasia e não encontra um freio ou contraponto, poderá causar devastações bem graves. Seria, pois, necessária a interposição de uma barreira externa ao par mãe-criança, que pode ser realizada pelo pai, o qual funcionaria como o portador da lei de interdição ao incesto.

Ferreira (2005) também parte do princípio de que a relação entre o vínculo que se estabelece na díade mãe-criança e o surgimento de uma relação incestuosa se inscrevem na ordem do gozo com a mãe. Esta exerceria um papel fundamental na constituição da criança como sujeito. De acordo com a maneira como fosse estruturado esse vínculo, o mesmo poderia resvalar para as situações de violência sexual ou de incesto, a depender de como a mãe lida com seu próprio desejo edípico.

Todas essas considerações são de extrema importância. No entanto, considera-se insuficiente explicar a problemática do incesto somente do ponto de vista da Psicologia, devido à multiplicidade de formas e caracteres com que podem se configurar os vínculos afetivos e, ainda, a dinâmica presente nas mais diversas formas de agrupamento familiar. Assim, destaco Faiman (2004), quando afirma que o incesto pode representar conflitos diferentes para cada família, e, portanto, não pode ser considerado a partir de uma única dimensão:

O incesto pode ser expressão de diversos conflitos ou dificuldades de natureza absolutamente distinta para cada família, com as mais diversas consequências e representações, o que descarta qualquer resposta genérica advinda de um corpo teórico previamente definido para as questões relativas a esse tema (p. 22-23).

Apesar da constatação, costuma-se observar algumas características comuns a todas elas. Figaro-Garcia (2004) argumenta que uma característica presente nas famílias incestuosas é a confusão de funções familiares, revelada por uma perda de assimetria nas relações

intrafamiliares e no consequente esvaecimento da organização hierárquica do grupo. Os atendimentos às famílias incestuosas revelam que em muitos casos, o ato sexual em si parece menos traumático do que, por exemplo, a incerteza da criança ou do adolescente no que diz respeito à crença por parte da mãe ou da família com relação à sua história de violência sexual. Em muitas ocasiões, na história destas pessoas esteve presente uma situação incestuosa. O reviver da situação, sendo a filha o objeto incestuoso, acarretava culpa ou até mesmo a negação do incesto. Algumas mães, mesmo com a própria experiência incestuosa, não conseguiam acreditar na possibilidade de ocorrência do incesto com suas filhas e outras justificavam o ocorrido como sendo o resultado de provocações ou insinuações sexuais.

Cromberg (2001) define a etologia da família incestuosa e refere-se a elas como famílias fechadas, nas quais os papéis, os gestos e os enunciados não são codificados. Não são estabelecidos e diferenciados os papéis na família e a mesma não tem rituais de socialização, nem entre seus membros, nem com o mundo circundante. Nestas famílias, a representação do ato sexual não tem nada de sagrado. É um instrumento, um jogo interacional sem grande significação. Esta representação familiar, portanto, transforma o ato sexual em um sentimento trivial.

De acordo com Razon (2007), quando a violência sexual intrafamiliar acontece, apesar de haver uma participação inconsciente de toda família, as normas jurídicas mantêm o foco para o acusado e a vítima, polarizando a discussão. A não ser nos casos em que a mãe é condenada por uma cumplicidade ativa na cena sexual, em geral a fala da mesma é muito pouco ouvida, como se fosse uma figura ausente à problemática incestuosa.

Ressaltando a importância de que o incesto diz respeito ao funcionamento familiar como um todo, Faiman (2004) afirma:

Ninguém sai ileso. Na relação incestuosa há sempre alguém que a pratica e alguém que a sofre, mas não podemos reduzi-la somente às pessoas diretamente implicadas.

Uns podem ser mais ou menos atingidos, mas todos de alguma maneira testemunham conscientes ou inconscientemente o que ocorre na família. Testemunham algo que deve ser mantido em segredo, um segredo muito bem guardado que aparentemente possui a função de continuar mantendo uma estrutura familiar que é fragilizada. Portanto, o incesto deve ser considerado como uma problemática fundamentalmente familiar e não individual (p. 1).

Forward e Buck (1989), a respeito da trajetória de pesquisa e clínica referentes à violência sexual intrafamiliar, afirmam que nos últimos anos, assistimos a uma enorme irrupção da consciência e da disposição a reagir ao abuso sexual de crianças. Muitos livros foram publicados sobre o assunto, a cobertura dos meios de comunicação tem sido grande, o cinema e a televisão romperam o silêncio, mas a convicção de que “não se pode acreditar” que pais, mães, tios e avós cometam violência contra crianças e adolescentes ainda é presente.

Segundo Cohen e Gobbetti (1998), o incesto é um ato intimamente associado ao proibido. Trata-se de uma violência sexual silenciosa, visto que ocorre dentro de casa. De acordo com os autores, na experiência clínica pode-se perceber que há o envolvimento, direto ou indireto, de toda a família numa dinâmica inconsciente que favorece a existência de uma relação sexual incestuosa e, por isso, é considerado um segredo velado.

Ainda que a mídia falada e escrita esbraveje sobre o incesto, parece um grito que abafa e sufoca, silencia e emudece a escuta fundamental. Na cantiga “O estrangeiro”, Caetano Veloso (1989) argumenta que “ficamos cegos de tanto ver”. Parafraseando o artista, intento dizer que não vemos para suportar viver.

3.2- O incesto com passagem ao ato

Pensar o incesto implica investigar não apenas a dinâmica familiar em que ele acontece, que contribui para a ocorrência desta violência sexual, como também compreender os aspectos envolvidos na falha da interdição aos desejos incestuosos inerente a todos os seres humanos. Estudar o fenômeno envolve estudar a cena incestuosa, atentando para o envolvimento inconsciente de toda a família. Assim, a importância do estudo sobre a dinâmica vinculativa dos sujeitos envolvidos é destacada.

Acting out, segundo Laplanche e Pontalis (1992/1967), é um termo usado em Psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com os sistemas de motivação habituais do sujeito, relativamente isolável no decurso de suas atividades, e que toma muitas vezes uma forma auto ou hetero-agressiva. Para os psicanalistas, o aparecimento do *acting out* é a marca da emergência do recalcado, contém a definição de uma manifestação, em uma situação nova, de um comportamento intencional apropriado a uma situação mais antiga, sendo a primeira representante simbólica da segunda. A expressão passagem ao ato (*passage à l'act*) é o equivalente francês à expressão mais utilizada (Laplanche e Pontalis, 1992/1967); porém, foi adotado na clínica psiquiátrica a fim de conceituar atos impulsivos violentos, agressivos e delituosos como assassinato, suicídio, violência sexual, etc. Nesta dimensão analítica, o sujeito passa de uma representação para o ato propriamente dito.

A palavra *atuar*, afirmam Laplanche e Pontalis (1992/1967), é proposta para traduzir o termo *Agierem*, utilizado por Freud para tratar de “atuar” pulsões, fantasias e desejos. Seria o ato por meio do qual o sujeito, sob o domínio dos seus desejos e fantasias inconscientes, vive esses desejos e fantasias no presente com um sentimento de atualidade que é muito vivo na medida em que desconhece a sua origem e o seu caráter repetitivo.

Diante de tais definições, ousou estabelecer uma estreita relação entre a violência sexual intrafamiliar e a passagem ao ato. Diante de um desejo universal equivalente, o ato incestuoso pode ser o meio por meio do qual o sujeito vive suas fantasias.

Furniss (1993) acredita que a pessoa que violenta sexualmente uma criança, sabe que tal fato é danoso à vida da mesma, porém não consegue evitá-lo. Afirmar ser comum o violentador também ter sido violentado na infância, seja física ou emocionalmente, demonstrando assim seu caráter cíclico.

Para Razon (2007), o pai que pratica o ato incestuoso, associa uma dificuldade de endossar a função simbólica paterna a uma incapacidade de investir afetivamente na criança. A indiferença paterna assume um sentido na passagem ao ato. É como se o incesto e a aproximação corporal visassem instaurar um vínculo até então inexistente.

Quando um pai comete um ato incestuoso, ele inaugura o caos na vinculação com a criança e consigo mesmo. O crime incestuoso do pai é a violação da mente e do *self*, psiquesoma, um ataque ao sonho e ao sonhar. Ele age em nome da mãe, representa o corpo da mesma e anula o falo como objeto intrapsíquico que facilita o caminhar da criança para a independência. A criança violentada sexualmente se vê projetada de volta para uma relação pré-edipiana com a mãe, a qual é vista inconscientemente como uma parceira criminosa na violação porque o pai penetrou seu corpo, explorou as atribuições maternas na relação mãe-criança a fim de ter acesso à filha. A criança violentada sexualmente é invadida na sua possibilidade de sonhar eroticamente com o pai, ou seja, a realidade e a fantasia ocupam o mesmo espaço psíquico. A realidade deixa de ter um aspecto aliviador quando a criança desperta do sonho com o pai, configurando o significativo do trauma da violência sexual infantil. A criança fica empobrecida na construção de um psiquismo pelo temor de sonhar e por não encontrar este descanso, este alívio, na realidade. O pai que pratica a violência sexual

ataca o imaginário da filha, visto que nas construções da mesma não há espaço para o brincar-fantasiar com ele (Bollas, 1992).

De acordo com o Razon (2007), assim como argumenta Furniss (1993), esses homens costumam repetir em sua relação com a criança o que eles mesmos viveram de desinteresse parental, uma ausência da real afeição materna e uma referência paterna instável. O violentador parece orientar-se preferencialmente para uma criança fragilizada por uma carência materna. Uma das hipóteses levantadas por Razon (2007) é de que a criança violentada sexualmente talvez procure afeição justamente na relação incestuosa com o pai ou possa aceitar inconscientemente o incesto, movida por uma rivalidade com a mãe. A filha violentada sexualmente também pode revelar uma dificuldade em afirmar o próprio desejo e, assim, pode aprisionar-se no desejo do outro a fim de sentir-se amada.

4 - MÃE E FILHA: A RELAÇÃO AMBIVALENTE

4.1- Temas de amor e ódio

Segundo Gomes (2010), ao discorrer sobre a tentativa de interpretação do feminino, a Psicanálise encontra a figura da mãe que devora, corrompe e nega o desejo ao filho, deixando-o na insuficiência de uma impossibilidade de se fazer existir enquanto ser do desejo na ordem do simbólico (a Morte). Por outro lado, existe a mãe que faz de seu rebento sua extensão fálica de amor, de maternagem e de vida, colocando-o na via da existência como ser de falta, mas enfronhado na lógica de trocas simbólicas que o inscreve no signo da subjetivação (a Vida).

A fusão amor-morte pode caracterizar-se na mulher enquanto junção de elementos ambíguos. Como postula Lúcia Castelo Branco (1987):

As representações do feminino aliado à morte são tão variadas quanto aquelas que o vinculam à vida. Afinal, se a morte e vida se misturam sobretudo no momento da reprodução, é natural que a mulher, como elemento gerador, conviva intimamente com esses fenômenos. O poder e o perigo que essa aliança morte-vida representa podem ser verificados uma vez mais, através de incontáveis tabus com relação à mulher grávida ou menstruada, que vivencia e exhibe sem pudor a violência da fusão Eros-Tanatos: na Costa Rica, julga-se que a mulher, desde sua primeira gravidez, envenena a vizinhança; após o parto, a mulher judia é tão manchada que deve se purificar no templo, enquanto a esquimó é isolada sem fogo nem alimento, muitas vezes destinada à morte (p. 40,41).

Na mitologia encontram-se algumas respostas ao fato de haver um duplo sentido de se conceber a mulher como avatar de destruição, e a mulher como fomentadora da vida. Por isso,

entra-se no universo do mito que, com a psicanálise, sempre foi um possível tema de discussão e crítica frente aos desígnios da feminilidade (Gomes, 2010).

Na postulação freudiana, amor e ódio marcam a relação da menina para com a figura materna. Freud trata desta temática, precisamente, nos artigos: “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1996/1925), “Sexualidade Feminina” (1996/1931) e “Feminilidade” (1996/1932), ao descrever as implicações de uma fase pré-edipiana na mulher. Nesta fase, a menina assume a mãe como objeto de amor e revela uma sexualidade de caráter inicialmente masculino. Porém, perceber a mãe castrada e encarar-se castrada leva ao distanciamento da figura materna, visto que a menina responsabiliza a mãe pela ausência do falo e não menos porque o amor dirigido à mãe era enquanto um ser fálico. Isso, porém, dará um contorno particular ao afastamento: ele será permeado por hostilidade. Diante disso, o pai passa a ter um lugar no desenrolar da sexualidade feminina, enquanto aquele é o suposto portador do falo e capaz de dar um filho como substituto simbólico fálico.

No menino, a mãe continua sendo esse objeto amoroso e à medida que ele percebe a natureza das relações entre o pai e a mãe, elege o pai como seu rival. Na menina, há um “desligamento” da mãe e um deslizamento em direção ao pai. De acordo com Farias e Lima (2004), na visão freudiana, a menina deverá abandonar não apenas a mãe como objeto original, mas deverá, também, trocar de zona erógena. Ela deve abandonar o clitóris em favor da vagina.

No entanto, a relação de exclusividade com a mãe não será, de todo, abandonada. Ela vai marcar as relações posteriores da menina com o pai, com o marido e a maternidade. O acento dado por Freud à relação original da menina com a mãe e seus efeitos aponta para uma desarmonia entre mãe e filha.

Freud (1996/1932) examina o ponto fundamental dessa desarmonia, do abandono da mãe como objeto de amor pela menina. Não se trata de uma simples troca de objeto devido às

inúmeras frustrações. Trata-se, então, diz Freud, de “um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio” (p. 122).

Vemos, portanto que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de pré-edipiana, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase. (Freud, 1996/1931).

O fator determinante para a menina afastar-se da mãe e dirigir-se ao pai surge do efeito que o complexo de castração tem sobre os seres desprovidos de pênis. Freud toma o complexo de castração como um fator específico na sexuação da menina.

Inicialmente, o clitóris toma, para a menina, o lugar de um pequeno pênis. Na comparação com o pênis, ela percebe que foi “injustiçada”- o que fundamenta o sentimento de inferioridade em relação ao sexo oposto. Acredita que, quando se tornar adulta, adquirirá um órgão maior, o que é caracterizado por Freud (1996/1931) como o complexo de masculinidade. Ao deparar com sua “deficiência”, embora hesite e relute em aceitá-la, encara-a como um fato consumado. Diferentemente do menino, para quem a castração é vivida como uma ameaça (Farias & Lima, 2004).

Ainda Segundo Farias e Lima (2004), num primeiro momento, encara a castração como um infortúnio pessoal, que, será estendido a algumas crianças e adultos. Essa compreensão de que nem todos são dotados de pênis fará com que ela deduza a castração de sua própria mãe e, com isso, passe a depreciá-la. Ao final da primeira fase da ligação mãe-filha, emergirá a censura à mãe, a quem ela supõe responsável pela ausência de um pênis apropriado, por tê-la trazido ao mundo como mulher. A essa censura, será seguida a reprovação de que ela falhou em ser uma boa mãe, não lhe tendo dado o órgão genital correto, que não lhe deu bastante leite, que a obrigou a dividir o amor materno com outros, por não

atender sua expectativa de amor ilimitado. A mãe é censurada pela filha por ter despertado sua atividade sexual e depois a ter proibido.

No entanto, Freud afirma que essas justificativas apresentadas pelas mulheres em análise para explicar as razões dessa hostilidade não passam, na maior parte das vezes, de racionalizações, e a origem dessa hostilidade permanece desconhecida. Ele localiza o fator responsável pela hostilidade e o ódio à mãe no fato de a menina considerar a mãe responsável por seu “defeito”. É a inveja do pênis que impele a menina a assumir uma nova posição, a mudar tanto de objeto como de zona erógena e a ingressar no complexo de Édipo. Sendo a castração considerada um fato cumprido, ela não está sob o efeito da ameaça de castração, que põe fim ao complexo de Édipo para o menino. A situação edipiana nas meninas pode durar muito tempo. Segundo Freud (1996/1932), “as meninas permanecem nele por tempo indeterminado, destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (p. 129).

O complexo de castração representa um marco decisivo na sexuação da menina, e Freud (1996/1932) propõe três linhas de desenvolvimento a partir dele, ou seja, três respostas possíveis à castração: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal. Segundo Freud, a feminilidade só é estabelecida quando o desejo do pênis, que marca essas três respostas, pode ser substituído pelo desejo de um bebê.

A renúncia ao pênis só é tolerada mediante uma compensação que a menina espera obter do pai. A menina continuará demandando algo que a restitua da injustiça que sofreu. Assim, vai aparecer na menina o desejo de ter um filho do pai. Esse filho será tomado como um objeto capaz de reparar a falta de pênis (Farias e Lima, 2004).

Nas palavras de Freud (1974/1924):

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo em um desejo mantido por muito tempo de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que

o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado, uma vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos: possuir um pênis e um filho – permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior (p. 223-224).

Assim, o desejo de ter um filho está ligado ao complexo de castração. A teorização de Freud liga maternidade e castração. É por ter deparado com o fato de não ter um pênis que a menina poderá deslizar da decepção em relação ao órgão de que não é dotada para o desejo de ter um filho. O desejo de um filho é derivado da inveja do pênis, portanto, caudatário da função fálica.

Longe de ser uma relação de completude, a maternidade, na acepção freudiana, é um dos nomes da castração (Brousse, 1993). A demanda de um filho, por ser uma reivindicação fálica, está sempre articulada à castração e à falta. A maternidade é uma via de substituição, para a menina, do desejo de ter o pênis. Freud (1974/1932) afirma:

Com muita frequência, em seu quadro combinado de ‘um bebê de seu pai’, a ênfase é posta no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo (p. 128).

Para Melanie Klein (1937), há um verdadeiro relacionamento amoroso da mãe com seu bebê, na mulher que conseguiu atingir uma personalidade maternal. Desde criança, a menina tem fantasias inconscientes de que o corpo de sua mãe está cheio de bebês, colocados lá pelo pênis do pai. Os desejos experimentados durante a infância persistem na idade adulta e influenciam o amor que a mulher grávida tem pelo filho, o que a restitui da frustração por não ter podido receber um filho de seu pai, na infância. Por ter realizado este desejo, a mulher intensifica sua capacidade de amar o filho.

Segundo Klein (1937), o desamparo e a necessidade de cuidados maternos por parte da criança solicitam uma grande dose de amor da mãe, o que vai ao encontro das inclinações amorosas e construtivas da mãe. Este desamparo da criança desperta na mãe o desejo de reparação que provém de fontes variadas e que pode relacionar-se a esse bebê esperado, representando a realização dos anseios maternos primitivos.

Se a imersão fecunda permite acessar a ambivalência como o fio condutor das representações que mãe e filha constituem na esfera familiar, o mero cogitar sobre a cena incestuosa, neste recorte, aponta para uma dinâmica a se revelar...

4.2- Mãe e Filha na Família Incestuosa

Ferreira (2005) defende que as relações incestuosas se inscrevem na ordem do gozo com a mãe. Esta exerceria um papel fundamental na constituição da criança como sujeito. De acordo com a maneira como se estrutura esse vínculo, o mesmo pode resvalar para as situações de violência sexual ou de incesto, a depender de como a mãe lida com seu próprio desejo edípico.

Cromberg (2001) postula, em relação às mães das filhas violentadas sexualmente pelos pais, sobre uma cumplicidade envolvida no fenômeno. Ambos os progenitores se encontram afetados no incesto pai/filha, visto que o incesto revela um frágil equilíbrio em uma família que tenta evitar a desintegração total. A filha afetada assume uma parcela absurda (condição do excesso) de funções parentais, enquanto os pais mantêm uma aparência de uma suposta competência em seus respectivos papéis. Segundo a autora, pode-se considerar, no caso do incesto entre pai e filha, que, em algum nível, os atos incestuosos são realizados com a cumplicidade familiar.

Forward e Buck (1989), na obra *A traição da Inocência*, afirmam que a mãe é a figura mais enigmática no drama do incesto entre pai e filha. Os autores concordam que a maioria das mães envolve-se de forma direta ou indireta nesta relação. A autora refere-se às últimas como cúmplices silenciosas, afirmando que essas mães geralmente não percebem, mesmo depois da revelação do incesto, que elas ocuparam um lugar na cena incestuosa.

Segundo Prado e Pereira (2008), a mãe de uma criança submetida pelo pai à violência sexual repete um modelo relacional primitivo conturbado, e mostra-se comprometida com o objetivo de apresentar o pai com a função que lhe é inerente; esta forma, inconscientemente, serve de facilitadora para a transgressão.

Contudo, parece existir uma diferença significativa quando a criança encontra na mãe uma figura protetora e quando não encontra, de acordo com Prado e Pereira (2008). No primeiro caso, medidas são tomadas para sua assistência e proteção; no segundo, a criança é desmentida e permanece exposta às situações de violência. A violência à qual ela é exposta apresenta duas faces: a violência sexual em si e a violência moral, pela denegação materna. A violência moral aumenta a confusão da criança quanto aos afetos e ao entendimento no que diz respeito a si própria e ao meio, sobretudo por sua incapacidade de lidar, pela idade em que se encontra e sozinha, com suas vivências, que ultrapassam sua capacidade de elaboração e permanecem como fonte de angústia. A vivência traumática sobrevém em um período de construção psíquica de grande vulnerabilidade. A imagem que a criança tem de si mesma fica distorcida, assim como sua visão de mundo e a compreensão de suas capacidades afetivas.

Assim, a figura materna mostra-se fundamental para que se compreenda a dinâmica incestuosa entre pai e filha. A organização familiar participa da construção da cena incestuosa e torna-se cúmplice desta violência.

5 - PERCURSO METODOLÓGICO: O CAMINHO PARA UM FIM

Em que consiste o método psicanalítico? E como o método me constitui potente na análise que me proponho a trilhar? O que há em comum entre as várias formas de fazer Psicanálise?

Para Herrmann (2001a), a resposta para estas questões básicas e fundamentais estaria no método que se constitui como a condição essencial para sua realização e para produzir efeito psicanalítico. O método deve ser considerado como o mecanismo de produção da análise, e não deve se confundir com as ferramentas criadas para melhor fazê-lo, isto é, com técnicas e teorias. Em técnicas diferentes, o mesmo método deve estar.

O método psicanalítico é a própria propriedade interpretativa, fundante do método. Longe de se tratar de sentenças reveladoras proferidas pelo psicanalista, a interpretação deriva-se aqui de um acúmulo, de uma construção. A interpretação é o processo que deve levar a uma ruptura de campo, este sim garantia de transformação psíquica. As interpretações são os pequenos toques que induzem o processo de ruptura de campo, um repertório inesgotável que não deve se restringir às teorias tradicionais (Sanches e Cardoso, 2006).

Para que se reproduza um efetivo conhecimento sobre a psique humana, o método proposto pressupõe configurar uma dimensão não-comum das relações, ou que seja potencialmente nelas aplicado, o que Herrmann (2001b) denominou de ruptura de campo. Romper um campo significa permitir a dissolução de estruturas paralisantes e, conseqüentemente, a emergência de novos possíveis, através da instalação de novos campos. É isso que um analista faz quando coloca em movimento o método psicanalítico:

Este, ao contrário do que vulgarmente se crê, não discute pontos de vista a partir de seu conhecimento teórico; ele faz com que sentidos diferentes do discurso do paciente,

escutados e apreendidos fora do tema proposto por ele, entrem em contato, às vezes em choque (*Ibid*, p.53).

O choque provocará um abalo, rompendo o campo rigidamente estruturado. A intenção é permitir que a pessoa saia da automaticidade de seu cotidiano, fazendo-o demorar-se um pouco mais nesse estado de abalo da superfície representacional: “nosso psiquismo cria e procura manter seus campos, a situação analítica sistematicamente os desmancha” (*Ibid*, p.61).

Assim, o método psicanalítico – recurso metodológico fundante das investidas deste trabalho – conta com um princípio metodológico de pesquisa produzido sob a forma dedutiva, por meio de premissas, hipóteses derivadas e, em vez de conclusões, perguntas, cuja formulação circunscreve os problemas cruciais a serem investigados (Elia, 2000).

Freud (1996/1912) afirma que não devemos iniciar uma pesquisa já com uma seleção prévia do que podemos encontrar, baseados em expectativas próprias, pois assim estaremos nos arriscando a não descobrir nada além daquilo que já sabíamos, ou até falsificar aquilo que se possa saber. Herrmann (2001b) cita o papel de um pesquisador que se lança na pesquisa psicanalítica. Segundo o autor, ele faz o papel de *Therapon*, quer dizer, ele não vai descobrir, ele vai permitir que se descubra, permitir que algo tire a cobertura de cima de si próprio, vai permitir que se dê um desesquecimento. Isto implica em algo que já está lá e surge por sua força.

Na tentativa de criar uma pesquisa genuína, nas palavras de Herrmann (2001a), aquela que recupera o sentido especificamente humano, o sentido psíquico de seu objeto, a investigação é pautada em um mergulho no método psicanalítico por meio de estudo de caso: “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (Yin, 2005, p.32).

Suassuna (2008), sobre o estudo de caso, caracteriza-o como um estudo aprofundado e exaustivo de um ou mais objetos, de modo a permitir um conhecimento detalhado e amplo, porém não generalizado.

Assim, a presente pesquisa transcorre a partir de uma leitura interpretativa (psicanalítica) da dinâmica das relações de uma família incestuosa, com ênfase na composição afetiva ocupada por mãe e filha.

5.1- Desafios de uma Trajetória: dificuldades e implicações institucionais

Após a revisão bibliográfica a respeito dos principais temas recorrentes na pesquisa como Psicanálise, Família, Violência, Incesto e Relação mãe e filha, foi realizado o contato com o Conselho Tutelar assim que a autorização para a realização da pesquisa foi aprovada. É importante relatar sobre as inúmeras dificuldades enfrentadas para a obtenção do consentimento institucional para iniciar a pesquisa numa dada instituição pública. Entramos com pedido de autorização primeiramente no dia 10 de junho de 2010 e não obtivemos resposta até o final do mesmo ano, apesar das inúmeras tentativas. Uma espera mergulhada na angústia. Ao final, mudamos a estratégia e pedimos autorização à outra instituição, o Conselho Tutelar, que a concedeu sem delonga. Com a autorização em mãos, respondemos à pendência ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP, e recebemos o protocolo de número 452/10 de aprovação da pesquisa.

A escolha das entrevistadas foi realizada pelas análises de prontuários da instituição. Os dados dos prontuários acessados informavam apenas as características gerais do caso. A idade da criança violentada, a data específica da denúncia, quem havia sido responsabilizado pela violência sexual e os encaminhamentos realizados pelos profissionais.

Apesar do foco da pesquisa apontar a relação mãe e filha, sabe-se que a vinculação com todos os outros membros da família é inerente à análise do caso. Assim, despertou-me a atenção uma informação adicional, presente em um dos casos notificados pelo Conselho Tutelar. Tratava-se de uma família: mãe e sua respectiva filha biológica, violentada sexualmente pelo pai biológico, que cometera suicídio. A notícia do recente suicídio e a escassez de informações provocaram alguns questionamentos e mobilizações, colaborando, decisivamente, para a minha escolha pelo caso. O que essa morte poderia representar para essa família incestuosa? Como mãe e filha organizavam-se e como passaram a se organizar com a morte do genitor/violentador? Enfim, o que essa morte poderia contar sobre essa família?

Os nomes das participantes e dos demais membros da família em questão foram preservados. A escolha dos nomes fictícios da mãe e da filha teve inspiração em uma das mais famosas músicas da época da ditadura militar. “O bêbado e a equilibrista” foi composta por Aldir Blanc e João Bosco em 1979. Gravada por Elis Regina, a canção tornou-se bastante conhecida e foi alvo de diversas interpretações de suas metáforas.

Na música, o trecho “Choram Marias e Clarices no solo do Brasil [...]”, faz alusão à esposa do operário Manuel Fiel Filho morto sob tortura nos porões do DOI-CODI (SP) em janeiro de 1976 (Maria) e à esposa do jornalista Wladimir Herzog, também morto sob tortura, no DOI-CODI (SP) em outubro de 1975 (Clarisse). Esta referência ao sofrimento dos familiares das vítimas de tortura e morte durante o período da ditadura militar (que ocorria às escondidas), me fez pensar na realidade da violência sexual intrafamiliar aqui pesquisada. Diferente do que se imagina, o fato não é nada incomum: há um crescente número de registros de casos. Muitas famílias brasileiras sofrem e são prisioneiras da violência sexual, física e psicológica.

Foram realizadas duas entrevistas com a mãe e três com a filha, separadamente. As entrevistadas foram convidadas a contar sobre o que quisessem pautadas na temática família e relação mãe e filha.

Quatro, das cinco entrevistas foram registradas por meio de gravação em áudio. A pedido de Clarisse, sua primeira entrevista não foi gravada. A participante, visivelmente assustada, disse que não autorizaria a gravação por estar muito nervosa, mas afirmou permitir a gravação em nosso encontro seguinte. As demais entrevistas realizadas foram gravadas com a autorização das participantes. Para que participassem do processo, foram solicitadas autorizações documentadas, mediante a leitura juntamente com as entrevistadas e esclarecimento sobre eventuais dúvidas acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi elaborado conforme preconiza a Resolução 196/96.

Depois de gravadas, todas as entrevistas foram transcritas. Baseada na pesquisa da socióloga Liz Kelly (1988), no livro *Surviving sexual violence*, o material transcrito foi entregue para as participantes, respectivamente, a fim de que se apropriassem das transcrições. Foi pedido às entrevistadas que produzissem comentários, observações, grifos e rabiscos junto às próprias produções.

O momento destinado à Clarisse e à Maria para leitura das entrevistas transcritas trouxe novas configurações às reflexões da pesquisa. Inicialmente, o material seria entregue às participantes para que lessem por um período de quinze dias. Porém, preocupou-me a possibilidade de Clarisse transitar por locais públicos com o material em mãos e principalmente o fato de que nesse momento da pesquisa, a garota estaria voltando para a casa da mãe. Por este motivo, Clarisse dispôs de dois dias na Clínica para a leitura das transcrições. De início, a garota negou-se a entrar em contato com o material. Ao folhear as entrevistas, afirmou não gostar de algumas palavras contidas nos textos ou não estar bem no momento.

As marcas começaram a ser deixadas pela garota a partir da palavra “pai”, como se aquela tivesse sido um estímulo disparador. Desta palavra em diante, Clarisse usa flechas para sinalizar o nome das pessoas. Em contato com o material de Clarisse, pude pensar no quanto parecia importante para a garota nomear os membros de sua família, como se as funções e papéis precisassem ser estabelecidos e reafirmados.

Além dos nomes destacados, Clarisse fez desenhos e contornos por toda a volta do texto. Com as canetas coloridas, a garota produziu garatujas, que formavam as margens da entrevista transcrita. Perguntei qual o motivo daqueles desenhos e tive como resposta que, daquela forma, o material ficaria mais bonito. Talvez para Clarisse através do desenho e da pintura fosse menos doloroso entrar em contato com seu sofrimento.

Maria recebeu o material transcrito para que lesse, no período de quinze dias, fora das dependências da Clínica. Em nosso último encontro, conversamos sobre a proposta de leitura. Maria mostrou-se muito incomodada, contou ter chorado muito ao ler os dizeres transcritos, e não comentou nem destacou algum trecho lido.

5.2- O Esboço do Desenho de uma História

A família era composta pelos pais, Maria e Hélio, e os quatro filhos: Irene, Daniel, João e Clarisse. Hélio e Maria mantiveram o casamento por sete anos. A história dessa família começa a ser contada a partir do drama e dos conflitos conjugais. Aos treze anos, Maria engravidou da primeira filha e passou a morar com o companheiro, oito anos mais velho. A partir de então, as agressões físicas e psicológicas constituíram a rotina na vida do casal, que rompeu o relacionamento quando Maria estava grávida de Clarisse, a filha entrevistada (atualmente com treze anos). Mesmo com a separação, Hélio e Maria mantiveram um relacionamento conflituoso. A entrevistada relata episódios de perseguição e agressões,

mesmo quando estava morando na casa do pai, após a separação. Os filhos da família mantiveram contato com o pai. De acordo com os relatos, Clarisse e Daniel pareciam mais próximos de Helio em relação aos outros irmãos, e acabavam por visitá-lo com maior frequência. Os episódios de violência sexual entre o pai e Clarisse aconteceram durante algumas destas visitas.

Em meio à euforia diante da autorização da instituição do Conselho Tutelar, fui capturada pela ansiedade da proximidade das entrevistas e estabeleci o primeiro contato com as participantes. As informações fornecidas pelo Conselho Tutelar diziam sobre uma família em que a filha mais nova, de 13 anos, havia sido violentada sexualmente pelo pai biológico, que cometera suicídio há cerca de três meses, sem maiores detalhes. Por telefone, conversei com a mãe, Maria, a fim de agendarmos um primeiro contato para que eu explicasse a ela e sua filha sobre a pesquisa. Recebi uma resposta negativa, pois um encontro com mãe e filha não seria possível devido ao relacionamento conflituoso entre elas, que havia culminado na saída de Clarisse de sua casa, indo morar com sua tia paterna e o tio materno (o irmão de Maria é casado com a irmã de Hélio). Portanto, foram marcados dois encontros para que eu explicasse separadamente sobre a pesquisa para mãe e filha.

Os itens seguintes constituem as possibilidades investigativas sobre o caso estudado. São movimentações interpretativas amparadas nos processos transferenciais e contratransferenciais que buscam sinalizar sobre as produções afetivas da vinculação mãe-filha, Maria e Clarisse.

6- CONHECENDO MARIA E CLARISSE

6.1- O primeiro encontro

Ao sair da minha casa, fui tomada por uma ansiedade que crescia conforme a proximidade do local aumentava; um começo de incertezas e receios. Já no caminho pensava sobre a entrevista que seria ou não realizada. Fui surpreendida pela recepção de Clarisse, que abriu o portão sem que eu sinalizasse minha chegada. A casa da família era bem simples e pequena, no meio de um terreno muito grande. Assim que ela me recebeu, caminhamos alguns metros pelo chão de terra entre o portão e a casa. Na sala, conversei com Clarisse, sua tia Adriana (irmã de Hélio, pai biológico de Clarisse) e prima. Durante nossa conversa, pude perceber certa rivalidade da tia de Clarisse com Maria. Ela afirmava não se relacionar bem e não ter um contato próximo com a mãe de sua sobrinha. Adriana, ao contar das dificuldades financeiras que a família vinha enfrentando, fez um apelo para que minhas conversas com Clarisse pudessem ajudar a garota a tomar a decisão de voltar para a casa da mãe.

A presença das duas familiares no mesmo ambiente impediu que Clarisse e eu estabelecêssemos um contato mais próximo. Conteí sobre o meu trabalho e expliquei detalhadamente sobre a importância da colaboração de Clarisse, que concordou em participar da pesquisa apenas acenando com a cabeça. Por sugestão da tia, marcamos o encontro seguinte na Clínica Psicológica da UFU.

Quanto à mãe, Maria, não compareceu ao primeiro encontro agendado, justificando ter tido problemas no trabalho. Assim, remarcamos o primeiro encontro para a semana seguinte.

6.2 - Apresentação das personagens

CLARISSE E EU

As conversas com Clarisse aconteciam conforme os desenhos que, por ela trazidos à entrevista, recebiam as cores das tintas. Palavras de ódio em relação à mãe e palavras de amor e saudade em relação ao pai falecido ecoavam nas entrevistas. Os relatos diziam sobre as agressões físicas e psicológicas da mãe, enquanto o pai era descrito como uma figura dócil e companheira.

Nossos encontros ficaram marcados pela ambivalência e pelos excessos. A garota, ora dócil e gentil, me despertava pena. Isso fazia com que eu me sentisse responsável por amenizar aquele sofrimento, apesar da minha função como pesquisadora ter sido apontada e discutida diversas vezes durante as supervisões. Clarisse, ora hostil, controladora e manipuladora, despertava tanta raiva e angústia que os minutos eram cronometrados ansiosamente para que a entrevista acabasse. Nos casos de incesto, observa-se na clínica que a criança fica dividida entre o amor que sente pelo progenitor e o ódio diante da violência física e emocional exercida por este. A ambivalência afetiva assume proporções que o ego, fragilizado, não tem condições de suportar (Azevedo, 2001).

Clarisse tentava driblar as normas estabelecidas no termo de consentimento, almejando que pudéssemos conversar mais vezes e por mais tempo. As estratégias e os pedidos de Clarisse me angustiam; me deixavam incomodada e impotente.

MARIA E EU

Maria mostrou-se muito emocionada em nossos encontros. Os assuntos referentes aos dois filhos que estavam morando com a tia (Clarisse e um dos irmãos, Daniel) eram mobilizadores. Maria referia-se a eles como “filhos ingratos”, pois não sabiam reconhecer

todo seu esforço. As palavras de Maria construía a imagem de uma mulher sofredora, cansada e injustiçada. Algumas vezes me sentia capturada nesse lugar de rejeição, como no conflito de Maria com os filhos, diante das falas da participante afirmando a inutilidade do meu trabalho como entrevistadora. Maria afirmou, repetidas vezes, ter pensado em desistir participar das entrevistas, por acreditar que as mesmas não trariam nenhum tipo de solução para seus problemas. Sentia-me diminuída e apesar da raiva, seus comentários me fizeram questionar as lacunas, os desafios e possibilidades na intervenção às famílias denunciadas por violência física, psicológica e sexual. Pensei no quanto o processo da denúncia e as repercussões do fato foram dolorosos para Maria e Clarisse. A violência sexual, ao concretizar-se, representava um alicerce para o estranho caos familiar, que sustentava todo o peso do legado transgeracional. Alterar essa dinâmica parecia abalar essa estrutura e exigir que os membros dessa família se reorganizassem.

Os relatos de Maria pareciam muito confusos a cada encontro. A organização e a dinâmica familiar caótica da entrevistada me paralisavam. Nas transcrições das entrevistas notei dificuldades em aguentar ouvir o seu discurso, que transbordava sofrimento. Em vários momentos, pedia à participante que repetisse seus dizeres, parecendo não acreditar no que havia ouvido. Maria, após relatar todos os episódios de sofrimento com as agressões e traições do ex-companheiro, confessa ter se arrependido da separação. A participante afirma culpar-se por não ter sido mais tolerante. Quando pergunto o que ela imaginava que seria diferente caso tivesse mantido a relação, Maria me responde que provavelmente teria sido morta por Hélio.

O discurso de Maria parecia apontar em diversos momentos, a morte ou a separação como solução para seus conflitos. A entrevistada declarou a vontade de deixar os filhos e vagar pelas ruas em algum país distante, como uma irmã havia feito, visto que estava cansada de lutar. Sentir o desespero de Maria e a impotência frente aos seus questionamentos me angustiava. Mas senti-la apática parecia redobrar a angústia sentida.

6.3- As ressonâncias das entrevistas

Todas as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e entregues às participantes para que se lessem e de alguma forma, pudessem se apropriar das conversas com escritos, rabiscos, grifos, enfim, da forma como sentissem vontade.

Com esse material em mãos pude, assim como as participantes, registrar e marcar minhas sensações, meus pensamentos e sentimentos emergentes, conforme lia as transcrições e as marcas deixadas, ou não, por elas no papel.

Assim, após também me apropriar do processo e me atentar ao manejo transferencial e contra-transferencial, os temas emergentes das entrevistas foram revelados, fazendo referência às experiências e vivências das entrevistas.

Sobre o material concreto que tinha em mãos, no caso de Clarisse, apesar de termos tido um encontro além do previsto, o material transcrito era menos extenso comparado ao de Maria. As conversas com Clarisse eram intercaladas por longos momentos de silêncio. Enquanto a garota coloria os desenhos, geralmente permanecia calada, comentava sobre as cores e misturas das tintas ou devolvia as perguntas que eu fazia a ela. A princípio, preocupei-me, imaginando que isto pudesse dificultar a análise de nossas conversas. Acreditar que o material seria insuficiente para a análise deixava-me insegura e talvez isso tenha colaborado para que um encontro a mais fosse marcado.

De acordo com Meredieu (2006), o desenho constitui uma língua que possui seu vocabulário e sua sintaxe. A criança utiliza um verdadeiro repertório de signos gráficos. Sob as diferentes imagens encontram-se analogias carregadas de expressão. Assim, as leituras e releituras das entrevistas com Clarisse revelaram o desenho enquanto recurso de linguagem e comunicação. Através do estudo e análise, despertei-me para as mensagens trazidas por meio das pinturas, das conversas sobre elas e pude atribuir um sentido ao silêncio.

No que tange às análises das entrevistas com Maria, os temas também afloraram por meio de muitas leituras e supervisões. A entrevistada, apesar de em alguns momentos manifestar descrédito quanto ao trabalho da pesquisa, surpreendeu-me ao cumprir com o acordo estipulado em nosso primeiro encontro e comparecer a todas as entrevistas agendadas. Em nossas conversas, pude testemunhar a dor e o sofrimento de Maria ao compartilhar seus pensamentos, admitir suas fraquezas e revelar segredos de sua história de vida.

AS ENTREVISTAS COM CLARISSE

1- “Eu não queria ser filha da minha mãe, queria ser filha só do meu pai. Não ia ser legal?” - Clarisse e o “pai-herói”.

Os relatos de Clarisse forjavam a construção da imagem de um pai herói; contudo, não puderam me poupar do espanto e nem mesmo me preparar para responder a esta pergunta. Uma filha, ao verbalizar seus pensamentos de querer ser filha só do pai, me faria pensar na travessia e nos desdobramentos das vicissitudes do complexo de Édipo. No caso estudado, uma garota de 12 anos, violentada pelo pai biológico, me desorientava ao manifestar tal vontade.

Diante de notícias de violência sexual extrafamiliar, parece mais fácil pensar na questão do não consentido, na relação de poder, no pavor despertado e na raiva que emana em consequência deste ato. As pessoas ao redor demonstram indignação e, com maior frequência, culpam o agressor, desejando vê-lo na cadeia ou sendo punido de alguma forma. Mas e quanto ao incesto? Observa-se frequentemente que, quando o segredo do incesto é revelado, muitas famílias não reagem desta forma. Foi muito difícil para mim, durante o meu trabalho

de pesquisa, reconhecer a ambivalência de sentimentos presente nos casos de incesto pai e filha.

Não consegui dizer nada à Clarisse com relação à pergunta que ela havia me feito. Em casa, ouvindo a gravação da entrevista, voltei várias vezes nesse trecho da conversa e pensei em como um pai violentador poderia ser idolatrado pela própria filha que sofrera a violência. Talvez idolatrava, idealizava e negava o pai incestuoso. Querer ser filha só do pai, traz implícita a mensagem de exclusão da mãe. Imaginei então que a figura materna deixava-se excluir e assim, se fazia presente na ausência declarada pela garota.

No discurso de Clarisse, a fala referente à mãe Maria era plena de dor, ódio e ressentimento. As palavras de Clarisse diziam respeito a uma mãe não percebida como tal e sim como uma mulher rival. Clarisse demonstrou muita curiosidade pelos relatos de Maria nas entrevistas. Quando questionada a respeito do motivo, falou sobre a certeza de que sua mãe dizia coisas ruins a respeito de seu pai e concluiu, triunfante, querer ser filha somente dele.

Lembrei-me do filme mencionado anteriormente, *A festa da menina morta*. Santinho (o personagem principal, Daniel de Oliveira) mantém uma relação incestuosa com seu pai (Jackson Antunes), um alcoólatra que vive amargurado pelo suicídio da esposa (Cássia Kiss), mãe de Santinho. Esta mãe vive nos pensamentos do filho, que parece ocupar seu lugar ao manter relações sexuais com o pai.

Na apresentação do filme, o diretor Matheus Nachtergaele falou que o incesto entre pai e filho causou polêmica no 61º Festival de Cannes, em maio de 2008. A cena gerou revolta e algumas pessoas chegaram a deixar a sala de exibição. Em relação à cena, segundo o diretor: “Eles estão juntos por causa da ausência da mãe. Ele continua casado com a mulher, só que no corpo do filho”.

Assim como é ilustrado na obra cinematográfica, a tríade: pai, mãe e filha – Hélio, Maria e Clarisse – parece vincular-se neste mesmo sentido. Pai e filha aproximam-se, entre outros aspectos, assediados pela ausência materna, instaurando ódio e hostilidade na relação de Maria e Clarisse. Santinho, no filme, em alguns momentos parece negar a figura materna. Já em seus pensamentos, relaciona-se com sua mãe morta, e demonstra sua raiva por sentir-se abandonada depois do suicídio dela.

Diante dos relatos de Clarisse fui ainda tomada pelo mito de Atena. O mito se inicia com o nascimento da deusa, que irrompe já adulta da cabeça de seu pai, vestindo uma armadura dourada e portando uma lança afiada em uma das mãos enquanto emite um poderoso grito de guerra. O pai de Atena, Zeus, na verdade a rouba da mãe, Métis, quando esta se encontra grávida por ter medo que dê à luz uma criança tão sábia e corajosa quanto ele próprio. Tenta alterar a sorte encolhendo-a, para depois engoli-la. Dessa forma, tira-lhe a capacidade de dar a luz e rouba a filha para si. Após seu dramático nascimento, Atena se associa exclusivamente com Zeus, tomando-o como seu único genitor (Brandão, 2001).

Assim como no mito de Atena, o relacionamento íntimo entre pai e filha, Clarisse e Hélio, exclui automaticamente a mãe. A filha contou ter recebido toda a atenção de seu pai e secretamente parecia desejar ser uma esposa bem melhor para ele. A conspiração entre pai e filha torna-se uma intimidade silenciosa, secreta e prazerosa. Clarisse e Daniel, os filhos em conflito com a mãe, são descritos pela última como desobedientes, rebeldes, confrontadores e acabam rejeitados por serem difíceis de dominar. Entretanto, identificam-se com o pai, enquanto um homem que zomba e despreza as regras e as normas sociais, regido pela lei do desejo. Seria como se o confronto com a mãe recebesse o apoio do pai.

Segundo Murdock (1998) quando uma filha se alia com seu pai, ela rejeita os sentimentos inaceitáveis em si mesma, que são expressos por sua mãe. Ela rompe com seus próprios sentimentos de pesar, raiva, medo e solidão.

A união exclusiva de Clarisse com o pai não permite a aproximação de nenhum outro membro da família, especialmente da mãe. Através da frase que revela essa ligação com o pai, Clarisse, ao negar Maria, me conta sobre uma mãe sentida como ausente ou distante.

2- *“Eu não quero ir pra casa da minha mãe. Eu vou ficar chateada e vou bater nela de novo”* – A violência física entre mãe e filha.

Quando questionada a respeito da afirmativa acima, Clarisse reafirmou agredir a mãe fisicamente como resposta à violência física recebida por ela: *“Bato mesmo. Ela fica me enchendo o saco, vem querer bater na minha cara e eu não deixo. Se ela ficar enchendo o meu saco, eu vou matar ela”*.

Em um dos intervalos entre uma entrevista e outra, recebi uma ligação de Maria, implorando por ajuda, com a voz muito abalada. Clarisse havia sido advertida por agredir um colega de sala e como punição estava na diretoria à espera de sua mãe, pois seria advertida e suspensa do colégio por alguns dias. Quando a presença de Maria havia sido solicitada, Clarisse, com uma tesoura nas mãos, ameaçou feri-la quando a encontrasse, provocando indignação nos profissionais do colégio.

As ameaças e os embates físicos relatados no discurso das entrevistadas versam sobre a tragédia de Electra. Clarisse e Daniel acusam Maria de ser responsável pela morte de Hélio. Maria é então nomeada e declarada culpada pelos filhos, por todo o sofrimento pela perda do pai. Clarisse fala da mãe com muita raiva e manifesta um desejo de vingança, ameaçando matá-la ou feri-la com objetos cortantes. Maria mostrou-se inconformada com as acusações dos filhos e conta sobre alguns episódios. Em um deles, fala da ligação que recebeu de um dos filhos, Daniel, após o suicídio de Hélio: *“No dia que ele faleceu, o Daniel me ligou: ‘Sua*

vagabunda, desgraçada, cachorra! Você matou meu pai!'. E até hoje eles me acusam. A Clarisse vive dizendo: Você matou meu pai, eu te odeio, você matou meu pai!''.

A tragédia “Electra” é representada pela primeira vez, por volta de 413 a.C., seus antecedentes estão na lenda da Guerra de Tróia, Idade Heróica da Grécia, cerca de 1200 a.C., de onde Agamêmnon, após a vitória, regressou a Micenas, capital de seu reino e foi assassinado brutalmente pela sua esposa Clitemnestra e o seu amante Egisto. Assim, a viúva Clitemnestra casou-se, em segundas núpcias, com Egisto, seu cúmplice e usurpador do trono de Agamêmnon.

A justificativa para o assassinato, apresentada pela adúltera, foi o sacrifício cruel de Ifigênia, realizado por Agamêmnon, em honra à deusa Ártemis, para obtenção da vitória em Tróia. Agamêmnon e Clitemnestra tiveram quatro filhas: Ifigênia, Ifiânassa, Crisôtemis, Electra e o filho Orestes. Este foi salvo por Electra, na ocasião do crime, e enviado ao rei da Fócida, por um antigo criado de Agamêmnon, Preceptor.

Durante onze anos, Electra permaneceu em Micenas com as irmãs e os assassinos de seu pai, à espera do regresso do irmão que vingaria a morte de Agamêmnon e suas humilhações. O cenário da peça representa Micenas, mais precisamente o palácio real do Átrida, no Acrópole. Supõe-se que de lá se veja toda a planície de Argos e os templos de Apolo e Hera. O início se dá com o retorno de Orestes a Micenas, onde ele faz correr o boato de sua própria morte. Electra mostra-se tão desesperada que Orestes, comovido, se dá a conhecer. Logo em seguida, vai ter com sua mãe e, auxiliado por Electra, a fere mortalmente. Egisto, que estava ausente do palácio, nada sabia. Ao chegar, aparece desejoso de ver os despojos mortais de Orestes, mas descobre o corpo e vê que não é do seu possível algoz, mas o cadáver da esposa. Egisto é levado ao lugar onde Agamêmnon foi morto e ali também é assassinado por Orestes, que é apresentado como o vingador de seu pai (Brandão, 2001).

A temática principal da tragédia é a vingança e todo o enredo da peça gira em torno da possível concretização desta. Nos antecedentes da tragédia, é possível identificar a intenção de Electra ao salvar Orestes da morte e enviá-lo ao rei da Fócida. Tendo como base a lenda da guerra de Tróia, estima-se que Orestes tinha uns 10 anos de idade quando foi salvo pela irmã, retornando a Micenas já homem feito. Electra, humilhada, espera pelo regresso do irmão por muitos anos, tamanho o rancor que ela tem pelos algozes de seu pai. Durante esse tempo, Electra passa por desonras, sendo tratada como uma serva do palácio e não vivendo no luxo que é direito de uma princesa miceniana.

Assim como na tragédia de Electra, Maria é a mãe declarada culpada. Clarisse demonstra sua raiva por responsabilizá-la pela morte de seu pai, mas na verdade parece culpá-la por outros motivos. Clarisse conta das agressões como se fossem o único contato físico entre ela e a mãe. A garota afirma ter sido espancada por Maria e ter tido amor e carinho somente do pai.

Clarisse parece reivindicar pela morte da própria mãe e por todo sofrimento diante dos lugares maternos ocupados por Maria nesta relação. Mãe e filha vivem o caos pelo “não-encontro” na dinâmica vinculativa. É este não-encontro, esta ausência da filha no olhar da mãe que começa a ser desnudado. Conversar com Maria e Clarisse pôde revelar o turbilhão de sentimentos que as habita.

Entre Maria e Clarisse, a filha parece gritar, através do ódio declarado pela mãe, a necessidade de ser amada. Clarisse é agredida fisicamente ao enfrentar e desafiar as ordens de Maria. E assim, mãe e filha fazem contato físico pela violência e se reconhecem nesse cenário.

- 3- *“Eu acho que a gente deveria encontrar mais. Assim, eu vou contando as coisas aos poucos, eu não gosto de contar tudo de uma vez”*. - A identificação com o agressor.

Sempre afirmando “contar aos pouquinhos” sobre sua vida, Clarisse anunciou, em uma das entrevistas, quealaria do pai no encontro seguinte. Havia me preparado para ouvi-la a respeito do progenitor, quando me flagrei muito incomodada ao final da entrevista, me sentindo aprisionada e com raiva, diante da insistência da garota para que eu entregasse um de seus desenhos de presente a alguém, a fim de que a cena fosse assistida por ela. Ante ao fato da minha impotência de negar seu pedido, não consegui me desvencilhar do jogo de manipulação de Clarisse (presente em vários momentos das entrevistas). Naquele momento, manipulada, me atentei para um lugar próprio, peculiar, também já ocupado por Clarisse na cena incestuosa.

Ferenczi (1933) aborda o termo que ele próprio cunha como identificação com o agressor. Após o sentimento de irreabilidade gerado pelo desmentido e as consequentes sensações de desconforto e medo, nesta perspectiva, agrega-se um tipo particular de submissão, que faz o adulto desaparecer da realidade externa para assumir todo o espaço de reconhecimento de si da criança. O adulto deixa de ser um outro. Esta identificação particular, que pode ser correlacionada com a identificação narcísica de Freud, impede que a criança construa um universo subjetivo pautado na percepção de que os investimentos que dirige ao mundo são seus. O autor estende a noção de trauma para além do sexual. O impacto de uma violência física seria irrepresentável, deixando um buraco, uma carência do simbólico, no qual o ego (para se defender) cinde-se em partes antagônicas e incomunicáveis, como inocente e como culpado. Essa culpa, à custa de outra defesa, que é a identificação com o agressor, visaria manter o adulto do qual ele depende com uma boa imagem dentro de si. Assim, esses

mecanismos seriam tentativas de negar esse corpo estranho não metabolizado pelo princípio do prazer, representação, conflito entre tópicas, recalque, sintoma neurótico.

Nas transcrições das entrevistas com Clarisse, notei que a garota, em todos os nossos encontros, usava a manipulação de alguma forma para fazer com que pudéssemos nos encontrar mais vezes: *“Essa vai ser nossa última quinta-feira? Então não vai dar pra eu contar tudo, não [...]”*.

Clarisse, diante da notícia de que aquele seria nosso último encontro antes da entrega das entrevistas transcritas, recusou-se a conversar. Ela tentava burlar o termo de consentimento lido em nosso primeiro encontro, afirmando não concordar mais com aquelas regras. A partir daquele momento, Clarisse disse ter feito um acordo com ela mesma e não falaria mais. A garota talvez tenha percebido, anteriormente, minha preocupação diante de seus longos períodos de silêncio e minha ânsia por suas revelações e dizeres. Por conseguinte, usava sua fala com a finalidade de tentar manipular para que mais encontros fossem agendados.

A identificação com o agressor permite, posteriormente, que o sujeito – ao atuar – saia dessa condição dolorosa e passiva e vingue-se de quem o traumatizou. Porém, apesar da tentativa de ligá-lo e dominá-lo, não há elaboração e a compulsão precisa se repetir indefinidamente, via sonhos traumáticos ou atuações.

As entrevistas com as duas participantes denunciaram uma dinâmica semelhante na família. Clarisse teria sido violentada durante as visitas ao pai. Apesar das afirmações de que a violência sexual teria ocorrido em dois momentos, mãe e filha demonstraram não conhecer ou não suportar dizer esse número exato, o que indica que Clarisse provavelmente foi violentada por um período extenso e contínuo.

Em relação aos conflitos relatados, com a morte do pai a garota parece assumir as palavras dele contra a mãe, que é acusada de alcoolismo e maus tratos contra os filhos. A

morte do pai, ao contrário de alívio, parece anunciar o início do caos na relação mãe e filha. Com a morte do progenitor, Clarisse parece assumir seu lugar nas desavenças do ex-casal.

A questão religiosa da família é mencionada por Clarisse em nosso primeiro encontro. A garota, ao contar sobre a violência sexual sofrida, parece preocupar-se em justificar as ações do pai. Ela me conta a confissão de seu pai, um homem muito religioso, que revelou que frequentemente tinha seu corpo habitado por espíritos maus. Segundo Clarisse, eles sim teriam praticado a violência sexual e as agressões físicas contra sua madrasta.

Clarisse, mais uma vez identificada com o seu agressor, me fala sobre as vozes que costumava ouvir. Vozes assustadoras que pareciam chamá-la e tomavam a forma de pessoas muito feias quando Clarisse fechava os olhos. Segundo a garota, foram essas vozes que a guiaram até o portão assim que cheguei, em nosso primeiro contato.

Clarisse me conta dessas vozes que ouvia como um dom que havia herdado com a morte do pai. Elas pareciam representar uma ligação entre a filha e o pai falecido. Clarisse, ao ser como o pai, mantinha-o vivo e parecia reafirmar a história de que seu pai não havia praticado o incesto. A violência sexual devia-se aos espíritos maus, que ela própria testemunhava a existência.

Esta questão religiosa, quando retratada por Clarisse, não poderia ser discutida sem que Freud (1919), em *O Estranho* fosse mencionado. O autor considera que o animismo, a magia e a bruxaria, a onipotência dos pensamentos, a atitude do homem para com a morte, a repetição involuntária e o complexo de castração compreendem praticamente todos os fatores que transformam algo assustador em algo estranho. Em seu ensaio, Sigmund Freud aborda o problema estético da estranheza indicando como tal ramo está, aparentemente, ligado ao que é novidade, porém carrega aspectos familiares que foram reprimidos ou permaneceram ocultos, que acabam por retornar maquiados e desconcertantes. O psicanalista destaca também como o sentimento de “estranho” relaciona-se intensamente com a concepção anímica de universo,

em que resquícios de estágios primitivos da mente humana reaparecem, consolidando um processo em que algo escondido ressurge, e amedronta. Segundo Freud, o animismo, a magia e a bruxaria são fortes componentes do “estranho”.

4- *“O desenho do meu pai eu vou pintar depois. Tem que ser com muita delicadeza”-*

O jogo incestuoso entre pai e filha.

Nas entrevistas, enquanto conversávamos, Clarisse coloria os desenhos que trazia de casa e destinava-os a alguém. Em um de nossos encontros, no final da entrevista, perguntei se Clarisse faria algum desenho para seu pai também. Olhando para o relógio e observando que o tempo estava terminando, a garota responde que não poderia fazer um desenho para o pai às pressas. O dele deveria ser feito com calma e com muita delicadeza.

No dicionário da língua portuguesa, a palavra delicadeza quer dizer amabilidade e gentileza, mas pode também significar fraqueza e debilidade. Esses dois significados remetem à ambivalência afetiva presente na relação pai e filha.

Na relação entre pais e filhos, já está instaurada uma relação de poder que é estruturante para a criança. Todavia, se um pai ou uma mãe mantém relações sexuais com seus filhos, esta relação de poder se reveste de violência, de imposição, de abuso, perdendo sua função estruturante. Este poder violento parece ficar mais claro quando o relacionamento incestuoso é permeado de ódio e medo e aquele que pratica a violência ameaça em muitos casos com a morte, seja a criança ou a alguém da família (Figaro-Garcia, 2000).

Em uma das entrevistas, Clarisse conta que era ameaçada por Hélio. Segundo a garota, ele dizia que caso ela contasse sobre a violência sexual para alguém: *“[...] ele arrumaria alguém para fazer pior comigo”*, ou então, dizia que mataria sua prima.

Amazarray e Koller (1998) citam um estudo feito em 1993 por Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor, onde são discriminados e classificados sintomas que surgiriam como consequência da vivência da violência sexual infantil. Em idade escolar (7 a 12 anos) as crianças poderiam apresentar medo, distúrbios neuróticos, agressão, pesadelos, problemas escolares, hiperatividade e comportamento regressivo. Já na adolescência, (13 a 18 anos), a depressão, o isolamento, as fugas, o abuso de substâncias e o comportamento sexual inadequado seriam as respostas possíveis de vivências de violência sexual. Segundo os autores, a criança apresentaria esses sintomas por vivenciar estimulações sexuais em um período precoce de seu desenvolvimento. O adulto violentador ocupa o lugar de alguém já desenvolvido, apto psicologicamente e biologicamente para manter relações sexuais, enquanto a criança não tem condições biológicas nem psicológicas para manter esse tipo de relação.

De acordo com Júnior (2008), o adulto (indivíduo maduro sexualmente), diante desse estado de imaturidade da criança, a toma como um objeto frente aos seus desejos. Assim, a violência sexual seria um ato de tentativa de anulação do sujeito por atacar sua vulnerabilidade, e dessa forma, a criança violentada sexualmente deixa de ser sujeito e passa a ser submetida. Se a criança é objeto e submetida aos desejos dos adultos, o ato de violência sexual a remete a um estado de desamparo.

Nesse contexto encontramos a articulação: sexualidade-desamparo. A ideia é de que a violência sexual confronta o sujeito com o excesso, remetendo-o a um estado de desamparo, marca de suas experiências mais primitivas. Ou de que, por seu caráter impactante, as experiências de violência sexual aprisionam e submetem o indivíduo aos excessos impostos por toda situação de paixão (Goldfeder, 2000).

Depois do estupro, a Clarisse ficou agitada, agressiva, medrosa. Fazia cocô na roupa, sujava a roupa e continuava quieta. Ela não toma mais banho sozinha, não penteia o cabelo direito. Teve um período muito difícil, de a Clarisse sujar a roupa e guardar no guarda-roupa. Até hoje ela tem essa mania. Muito difícil, ela parecia um bebê.
(Maria, mãe de Clarice).

O violentador é algumas vezes classificado como pedófilo, na maioria das vezes como perverso e sempre visto como agressor. É apresentada uma situação onde a criança é colocada unicamente como causa de prazer, objeto de um pai perverso (Azevedo, 2001).

De acordo com Fígaro-Garcia (2001), não é possível fugir das fantasias, mas entre o fantasiar e o realizar há uma distância considerável. Quando esta distância não é respeitada, nos deparamos com a perversão. Nessa concepção entende-se que a criança é um objeto na mão do adulto, entregue ao desamparo e a possibilidade de morte psíquica. Assim, o violentador só poderia ser um perverso, negando o interdito do incesto que constitui o humano.

O violentador é tido como perverso também por perverter a lei do incesto. É a partir de Totem e Tabu que os autores iniciam a sua argumentação, o assassinato do pai e o sentimento de culpa provenientes deste arranjo seria a origem da nova organização social, regida pelo interdito do assassinato e do incesto (Júnior, 2008).

Apesar do caráter negativo atribuído à sedução na relação entre adultos e crianças, ela é fundamental e inerente à toda vinculação. Portanto, torna-se indispensável a preocupação sobre os limites organizadores da sedução nas vinculações afetivas entre adultos e crianças. Constitutiva de todas as relações, inclusive aquelas presentes no contexto pedagógico entre professores e alunos, a sedução pode ser destrutiva. Ao tornarem-se abusivas, como nos casos de incesto, os conflitos pulsionais do adulto invadem o psiquismo e a fantasia da criança na relação com a mesma.

Clarisse mostrava-se completamente invadida por este pai. Algumas vezes falava como se ele ainda estivesse vivo, como quando dizia ter sentido o cheiro do pai pelo caminho de sua casa até a clínica. Outras vezes, a garota mostrava-se onipotente afirmando que, se Maria tivesse permitido suas visitas ao pai, ele não teria morrido. Quando pergunto o motivo, Clarisse afirma: *“Ele ia ficar vivo, porque não ia me deixar sozinha. Eu não ia deixar ele morrer. Eu não ia deixar ele pegar a corda. Ia ficar perto dele 24 horas, só pra ele não pegar a corda e se matar.”*.

Sabe-se que a sedução está presente na relação de adultos com crianças. De acordo com Sales (2002), com o abandono da *neurótica* freudiana, o tema sedução não é encontrado na literatura psicanalítica entre 1897 e 1964. Durante esta época, artigos publicados em revistas que não eram psicanalíticas atuavam como censura e repúdio a Freud, e antecederam o período em que Laplanche apresenta a *teoria da sedução generalizada*.

A teoria é proposta justamente para recuperar a positividade da teoria da sedução freudiana. Em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992/1987), este autor defende sua visão sobre a sedução.

Laplanche afirma que na situação originária, ou seja, na origem da fantasia, trata-se do confronto do mundo da criança com o mundo adulto. É neste confronto e na emergência de sentimentos sexuais na criança que reside o caráter de universalidade das fantasias. Para o autor, são exatamente os fatos da existência concreta de pais e filhos e da emergência dessa sexualidade parcial na criança que conferem o aspecto de universalidade na construção das fantasias.

Laplanche e Pontalis (1988/1964) perceberam que as fantasias aí se situam exatamente na oposição entre o subjetivo e o objetivo, entre o princípio do prazer – que reza a busca da satisfação por meio da ilusão – e o princípio da realidade – que, mediante o sistema perceptivo, fala das relações do sujeito com o mundo exterior e com as restrições impostas

por este. Assim, é justamente a introdução do princípio de realidade que induz à formação de uma nova atividade do pensamento – a produção de fantasias –, atividade submetida ao princípio do prazer e distanciada das exigências do mundo externo.

Clarisse, logo após me contar sobre a morte do pai, começa a fazer perguntas sobre namoro e diz o quanto acha ruim ficar solteira. A garota parece mostrar sentir-se viúva com a morte de seu pai, fantasiando ser sua amante, companheira.

Geralmente, eu não me sentia à vontade para responder as perguntas de Clarisse, que parecia querer investigar minha vida pessoal. Eu costumava respondê-las em casa, para mim mesma, enquanto ouvia as entrevistas gravadas. Certo dia, no final de uma das entrevistas, a garota me pergunta: “Você gosta do seu pai?”. Dessa vez me preparei para responder à Clarisse, que não deixou com que eu falasse. Antes que eu pudesse dizer uma palavra, a garota completou: “Sua família parece ter muita saúde. A minha é doente”.

Clarisse parecia me contar da violência nesta relação pai e filha, classificando sua família como doente. O abuso do poder paterno em relação à filha fazia Clarisse escrava de seus desejos. Ter ouvido sobre a “família doente” de Clarisse, me fez pensar na imagem de Lasar Segall (1891 – 1957), “A família enferma”. O quadro, com as cores escuras e uma aparência envelhecida, apresenta a tristeza dos personagens ilustrados. A imagem revela três pessoas em um cômodo de uma casa (aparentemente a sala), velando o corpo de um membro da família. O luto, tão presente na família estudada, é também visualizado na obra por Lasar Segall.

Na obra “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (2006/1905), ao falar da relação da criança com a pessoa que a ela presta cuidados, afirma que esta atividade constitui para a primeira uma fonte incessante de geração do prazer sexual que nasce mediante a estimulação das zonas erógenas e pontua exatamente que tal pessoa (geralmente a mãe) exerce esta atividade já a partir de seus próprios sentimentos sexuais. Para ele, é evidente que

a mãe, ao acariciar, beijar e embalar o bebê, está colocando este ser na posição de objeto sexual.

Para Lafon (1992) é importante que não se deixe a sedução no campo do impensado e aponta a necessidade de que o docente reconheça a posição de poder que ocupa diante dos alunos. Da mesma forma, a sedução está presente na dinâmica familiar e os genitores ocupam uma posição de poder diante de seus filhos.

Hélio usava sua autoridade e poder enquanto pai, a fim de submeter os filhos às suas vontades. Clarisse conta ter comprado e ingerido bebida alcoólica por ordens do pai, antes de ser violentada sexualmente. Suas companheiras também eram submetidas ao seu desejo, quando Hélio tentava controlá-las por meio de sua força física. Maria contou em uma das entrevistas o motivo da separação de Hélio e Renata (sua nova companheira): *“Ele estuprou a Renata com um pedaço do cabo da vassoura. Bateu demais nela e machucou toda a boca por dentro. Ele era doente, doente mesmo”*.

Há casos em que os limiares dessa sedução não são respeitados e tornam-se abusivos, como nos casos de incesto. Neste sentido, alguns autores defendem a existência de uma psicopatologia no pai que comete a violência sexual. Ferenczi (1933) afirma que as seduições incestuosas produzem-se habitualmente desta maneira: um adulto e uma criança amam-se; a criança tem fantasmas lúdicos como o de desempenhar um papel maternal em relação ao adulto. Este jogo pode ganhar um contorno erótico, mas segundo o autor, permanece sempre ao nível da ternura. O mesmo não acontece com adultos que se manifestam psicopatológicos: confundem a brincadeira da criança com os desejos de uma pessoa sexualmente madura e deixam-se envolver em atos sexuais.

Esse jogo de sedução e manipulação envolve e deixa marcas em todas as vinculações afetivas da criança com o próximo. Clarisse transborda essa invasão vivenciada no incesto na vinculação entre entrevistada e entrevistadora. Verbaliza sentir a falta desse excesso quando

fala do pai: “Eu to com saudade dele, chorei a semana inteira. Tenho saudade das brincadeiras que ele fazia [...]”.

AS ENTREVISTAS COM MARIA

- 1- *“Talvez é porque quando eu tava grávida dela eu sofria muito e não a desejava. Bebi muito remédio pra ela não nascer. A rejeição que eu dei pra ela, ela ta me dando de volta.”* – A herança psíquica.

Quando criança, Maria testemunhou a violência do pai contra a mãe que resultou na morte desta. Maria também foi vítima da violência física do pai, ela e os irmãos foram expulsos de casa vinte dias após a mãe ter falecido. Os irmãos casados acolheram os irmãos mais novos para que não fossem entregues pelo pai às instituições de abrigo. Aos treze anos Maria conheceu Hélio (irmão da esposa de um de seus irmãos) e engravidou da primeira filha. Foi morar com o companheiro, acreditando que assim teria um lugar só dela.

A entrevistada contou sobre muito sofrimento nos sete anos de relacionamento. Era agredida física e psicologicamente por Hélio, que não colaborava de forma alguma para o sustento da família. Maria relatou com tristeza não ter tido tempo para cuidar e dar carinho aos filhos, visto que sempre precisou trabalhar muito: *“É, tempo eu não tive pra poder ser mãe, pra cuidar. Mas eu não tive tempo, não porque eu não quis, mas porque eu tinha que trabalhar. Se eu tivesse parado de trabalhar, eles iam comer o que?”*.

Em nosso primeiro encontro, fui capturada pela confusão que parecia sustentar os laços e vínculos dessa família na violência. Maria descreveu o envolvimento com o parceiro como uma forma de fuga da dolorosa rotina que vivia na sua família de origem. Não por um mero acaso, torna-se personagem de um mesmo cenário. A mãe-menina e/ou menina-mãe

Maria carregava as marcas da violência. Sentia no corpo e na configuração afetiva os encargos de um legado transgeracional.

Segundo Silva (2003), a herança psíquica é resultante do processo de transmissão psíquica, que possui conteúdos intergeracionais e transgeracionais, apreendidos na clínica psicanalítica por meio das manifestações sintomáticas. Essa transmissão, de acordo com Kaes (1998), ocorre através dos objetos que podem se originar de sentimentos de culpa, fantasias, desejos, recalcamientos, lutos não-elaborados, condições narcísicas, entre outros exemplos que compõem o espaço intrapsíquico familiar e do sujeito.

Assim, a transmissão psíquica tem participação fundamental na composição da subjetividade, ressaltando que a cultura, a linguagem, e as leis (conteúdos intergeracionais) também são transmitidos parcialmente pela via deste fenômeno, assim como os elementos não-ditos e aspectos sem representação (conteúdos transgeracionais).

Quando questionada sobre sua infância e família de origem, Maria respondeu:

Meu pai toda a vida foi muito violento. Ele batia muito em mim, nos meus irmãos e na minha mãe também. Nós passamos muita fome, muita necessidade. Já vimos meu pai bater na minha mãe por causa de outra mulher. Nós já dormimos com fome, dormimos escondido porque meu pai queria matar nós tudo (sic). E minha mãe, morreu doente. De tanto apanhar do meu pai.

Entre os deuses, Amor é o mais amigo dos homens, pois cura-os de um mal imputado por Zeus: a separação de cada ser em duas metades, diz Platão, no Banquete. Nesse mito de origem da natureza humana, o amor é que desfaz a divisão promovida por um pai que, insatisfeito com seus filhos, torna-os incompletos. Então, os homens, obrigados a buscar um parceiro, voltam a prestar homenagens ao deus maior. Eis uma figuração da conjugação entre o amor e o desamparo, onde o segundo aparece como condição necessária para o primeiro.

Se Freud inicialmente preocupou-se com o aparelho psíquico individual, posteriormente voltou-se para a relação do sujeito com cultura, com o outro que o constitui. A partir dessas formulações, abre caminho para um novo campo de estudos organizado em torno das configurações familiares e da constituição da parentalidade. Ao tratar da problemática do narcisismo, destaca as expectativas do casal parental em relação ao seu bebê. Estas vêm marcadas pelas histórias pessoais de cada genitor, com seus conteúdos elaborados e recalçados, mas, sobretudo inconscientes. As escolhas posteriores do parceiro conjugal serão também, firmadas pelas primeiras relações vividas por cada cônjuge, marcando um tipo de relação conjugal.

A entrevistada conta sobre seu pai e seu ex-marido, sobre seu sofrimento na sua vida com a família de origem e de como, apesar de ter tentado fugir do caos familiar, construiu um relacionamento e uma família cercada por violência, sem dar-se conta do legado familiar:

Eu achava que minha vida ia ser diferente, que eu ia ter minha casa e as coisas que eu não tinha. Eu imaginava que ia ter um canto só pra mim, porque depois que minha mãe morreu, nós ficamos sem lugar. É muito difícil pra mim. Eu queria ter paciência, eu queria ter tempo, mas não tem jeito. Tem horas que eu fico me perguntando onde foi que eu errei.

Maria questionava-se nas entrevistas, procurando a causa dos conflitos com os filhos; a participante contava das dificuldades, mas justificava-se afirmando ser uma boa mãe. Se não fosse, ela explicava, os outros dois filhos não seriam tão bons como o são. Em nosso último encontro Maria parecia ter se rendido e revelado algo guardado como um segredo. A participante revelou o quanto a gravidez de Clarisse havia sido indesejada e que a garota, antes de nascer, tinha sido “doada” para uma familiar. Muito emocionada, Maria concluiu estar recebendo “de volta” a rejeição que havia oferecido à filha.

2-“Teve dias de eu parar pra pensar: Gente, mas será que é verdade?” – O desmentido materno.

Nos casos de incesto, quando uma mãe não consegue proteger a filha, esta pode sentir-se novamente punida, o que torna o tema da violência sexual algo impróprio a ser revelado, aquilo que não se pode dizer. Algumas mães, mesmo acreditando nas palavras da criança, não conseguem apoiá-las ou protegê-las, evidenciando sentimentos ambivalentes ou contradições. Pode ser que Maria não tenha duvidado das palavras de Clarisse, mas negava-as por não suportar ajudá-la. Talvez assim, Maria estaria frente às suas falhas enquanto mãe, ao mesmo tempo em que estaria revisitando o seu lugar enquanto filha (Ramos, 2010).

O momento de maior angústia nas entrevistas com Maria foi ter ouvido os relatos sobre os desdobramentos da revelação do segredo de que Clarisse havia sido violentada sexualmente pelo pai. Maria conta ter sofrido um acidente vascular cerebral quando abordada por sua irmã com a notícia. Ainda assim, Clarisse foi novamente levada pelo pai, que a violentou uma vez mais. Descrita repetidas vezes como “dopada”, Maria conta não saber o que fazer diante da situação e atribui aos medicamentos e calmantes ter suportado:

Na hora, sabe quando você não sabe o que faz? Foi nesse dia que eu tive um AVC, bem na hora que minha irmã me contou. Fiquei tão nervosa que passei mal. Só quando eu saí do hospital que comecei a resolver as coisas. Eu já tava mais tranquila, tava a base de remédio, muito dopada. Comecei a resolver as coisas com o raciocínio muito lento, muito lento mesmo. Até hoje eu falo: Ainda bem que eu tava dopada.

O mais habitual é destacar no mito e na tragédia de Édipo o componente sexual. Contudo, Bion (1993/1957) deslocou a importância da sexualidade do centro da questão edípica e colocou no cerne dela a capacidade para pensar. De acordo com o autor, a sexualidade propriamente não constitui problema, tampouco o incesto. O incesto é

decorrência das limitações da capacidade para pensar, assim como as outras questões que podem envolver a expressão da sexualidade. Nesta perspectiva, considera-se que o problema de Édipo não era o do incesto e da sexualidade, mas de não poder pensar. Sem pensar, não poderia, entre outras questões, considerar a sexualidade. O problema de Édipo era, fundamentalmente, a sua arrogância. Como bem destacou Klein (1946), a arrogância é a manifestação de um “mecanismo de defesa” contra a angústia (começando pelo medo de aniquilamento que se manifesta desde os primórdios da existência pós-uterina). O mecanismo de defesa é a onipotência. Édipo estava certo de que sabia quem era; não tinha qualquer dúvida quanto a isso. Ao ouvir a profecia do oráculo de que estava fadado a matar o próprio pai e desposar sua mãe, sem qualquer questionamento, sem qualquer dúvida, desterra-se de Corinto, convicto de seus conhecimentos sobre si mesmo. Ele sabe quem são seus pais e quem ele é. Agindo dessa maneira, evitaria a profecia.

Segundo Filho (2009), todos os elementos estavam diante dos olhos de Édipo: uma viúva, que tinha idade para ser sua mãe, cujo marido havia morrido nas mãos de um assassino. Ele próprio não fazia muito havia matado um homem e seu séquito. Tudo estava escancarado. Faltava, contudo quem pudesse enxergar o que estava visível. O problema não era encontrar algo recalcado e no inconsciente, mas perceber o que estava evidente, porém não enxergado; era pensar o nunca pensado ou o impensável.

Maria também dispunha de alguns elementos diante de seus olhos. A própria convivência com o marido, mergulhada na violência física, sexual e psicológica, a recusa de Clarisse em visitar o pai e a notícia de que o marido já havia violentado sexualmente uma irmã, que teria tido uma filha, fruto desta relação. Pensar ou transitar neste campo do impensável parecia “dopar” Maria.

Quando pergunto à entrevistada sobre como tinha sido a conversa com a filha após a notícia da violência sexual, Maria me responde: *“Uai, eu falei pra ela que eu mesma não saberia o que eu poderia fazer. O que eu poderia fazer?”*.

A violência sexual caracteriza-se, de forma geral, como toda utilização do corpo da criança, com o intuito de obter a satisfação do desejo sexual do abusador. Sabe-se que essa violência que se apresenta no universo familiar rompe com os limites necessários para a constituição do sujeito. Diante desse panorama, a criança vive uma situação traumática, marcada por conflitos que geram sentimentos ambivalentes, como medo, raiva, prazer, culpa e desamparo. Ela pode ter raiva da mãe, por achar que não foi protegida adequadamente, pode ter receio de revelar o abuso e não ser acreditada e até mesmo de que a considere culpada. Por sua vez, a mãe pode apresentar sentimentos confusos e ambíguos diante da violência sexual da filha, pois, em geral, há a negação dos indícios e a recusa em aceitar a traição de seu marido, mas também pode se sentir culpada por não ter protegido a filha adequadamente (Araújo, 2002).

“Não casei de novo porque eu morria de medo de algum homem mexer com elas. Se algum dia aconteceu, não me contaram. E se me contarem também, eu não aceito. Nunca, nunca, nunca!” Maria proferiu tais palavras quando me contava sobre seu sacrifício para criar os filhos. Depois de definir as filhas como sagradas, a entrevistada afirmou não ter se relacionado com outro homem para que nada de ruim acontecesse às filhas. Ouvindo a fala novamente, pensei em outro sentido para as palavras de Maria. O *“não aceitar”* dito por ela parecia referir-se ao desmentido materno. Maria, quando soube que Clarisse era violentada por Hélio, mostrou-se paralisada e duvidou do que lhe tinha sido contado.

A entrevista conta como se previsse que, caso envolvesse em algum relacionamento, suas filhas estariam em perigo. Maria fala sobre uma incapacidade de acolher a filha. O medo

em relacionar-se, não se devia ao outro homem, mas parecia denunciar sua fragilidade em ocupar este lugar materno.

Quando a violência sexual é revelada, muitas mães podem adotar uma postura de rivalidade para com a filha, desenvolvendo sentimentos de ciúme e hostilidade, acusando-a de ser responsável pelo ocorrido (Pfeiffer e Salvagni, 2005). O momento da revelação pode se configurar como um trauma adicional para a criança e para a família inteira, quando aquele que ouve terá que enfrentar o desconforto da dúvida e se posicionar.

Em seu texto “O Fetichismo” (1974/1927), Freud descreve o desmentido como uma defesa do eu contra as reivindicações da realidade externa, em que há uma percepção e uma ação bastante enérgica para manter essa recusa. O desmentido é a recusa de um fato da realidade exterior, diferentemente de um recalque, em que há uma defesa contra as exigências pulsionais internas. Ademais, nele está presente um sentimento contraditório constante, pois ao mesmo tempo em que se tem conhecimento do fato, se procura recusar sua existência.

Clarisse, quando contou ter sido violentada pelo pai parecia encontrar um espaço para revelar o segredo para a tia. Maria me contou, em uma das entrevistas, que a garota havia contado tudo para sua irmã e pedido que nada fosse contado para sua mãe. Ter ouvido isso, me fez pensar nas possíveis tentativas de Clarisse em romper com a cumplicidade materna, revelando o segredo para Maria, que comunicava a recusa em ouvi-lo, somatizando, paralisada.

3- *“Tenho medo dos meus pensamentos. Tem hora que me dá vontade de sumir de todo mundo. Eu peço muito a Deus pra minha fraqueza não chegar ao ponto do que o Hélio fez...”* – A mãe morta.

Em alguns momentos das entrevistas, preocupava-me com os embates físicos entre Maria e Clarisse, imaginando que mãe e filha pudessem concretizar as ameaças de morte. Em suas falas, Maria parecia apostar no extermínio da própria vida como alívio para seu sofrimento. A entrevistada confessou ter medo de “explodir” e virar uma alcoólatra:

Tem dia que dá vontade de sentar num bar e beber, beber, beber, pra ver a sensação que é. Eu vejo as pessoas todo dia bebendo no bar, rindo, brincando. Será que eles são felizes? Eu fico pensando, tentando entender. Falta um dia usar uma droga, pra ver se pelo menos a droga me muda. Às vezes eu falo: Gente, se Deus tá (sic) reservando uma felicidade pra mim, ela tá (sic) muito bem guardada. Porque tá difícil, viu?

Quando questionada sobre suas experiências anteriores com profissionais da saúde, Maria confessou ter realizado tratamento psicológico e psiquiátrico para a depressão. Segundo a entrevistada, sua doença devia-se ao relacionamento conturbado com os filhos. Maria dizia que Clarisse e Daniel, os filhos próximos ao pai, não respeitavam os limites impostos por ela. A participante, assim como a filha, classificava sua família como doente e dizia ter como maior sonho, o retorno dos filhos para sua casa.

Quando Maria falava dos filhos, mostrava claramente uma divisão. De um lado, Irene e João, os “filhos exemplares”. Do outro, Clarisse e Daniel, os “filhos problemas”. Essa divisão parecia classificar essa família em dois grupos. Aqueles que eram a favor do pai, e aqueles que concordavam com a mãe. Maria ressentia-se por não conseguir estabelecer uma proximidade com Clarisse e Daniel e sentia a perda de dois filhos idealizados.

Green (1980) avalia, pela experiência analítica, o problema do luto que perpassa pelos conflitos dos pacientes. O autor pontua algumas conclusões por meio da escuta de alguns pacientes cujas queixas principais recaiam sobre as maldades, incompreensão e rigidez de suas mães. Green refere que inicialmente interpretou essas queixas como sendo uma defesa

inconsciente de um homossexualismo intenso por parte destes pacientes, quer fossem homens ou mulheres.

Depois compreendeu que isto representava que os pacientes carregavam no inconsciente uma mãe morta, isto é, vivenciaram uma relação infantil com uma mãe depressiva, ausente psiquicamente, uma mãe que se caracterizava como sendo morta: “Minha surdez recaía sobre o fato de que, por trás das queixas relativas às atuações da mãe, suas ações, perfilava-se a sombra de sua ausência” (*Ibid*, p. 253), e isto iria determinar o destino de suas vidas psíquicas.

Assim, de acordo com Ferreira (2007) a importância dos estudos de Green sobre a mãe morta é revelar a construção da subjetividade da criança que passa por um processo de perda da mãe na infância, e suas consequências psíquicas na vida adulta. A experiência com a mãe morta se dá em torno da perda da mãe pelo filho, como também em torno de uma perda que a mãe estará vivenciando, o que constitui um luto tanto para a mãe quanto para a criança.

Vemos assim que, estamos no campo do luto, o qual será a mola mestra de seu estudo. Green se dedicará ao exame do luto infantil consequente a um luto maternal. É importante enfatizar que a criança não vai viver um luto por uma perda real da mãe, como por exemplo, a morte da mãe, e sim que vivencia a sua relação com uma mãe depressiva, uma mãe que se mostra morta tanto para a criança como para a sua própria vida. Para Green, a tristeza e a diminuição do interesse da mãe pela criança são os aspectos fundamentais para a compreensão da teoria sobre a mãe morta, pois para a criança a imagem que terá desta será a de uma mãe sem vida, uma mãe morta.

O autor aponta, no início do seu texto, que as consequências psíquicas para a criança quando há a perda real da mãe vão ser diferentes das provocadas pela falta de investimento pulsional, pela falta de investimento narcísico da mãe à criança. Em primeiro lugar podemos avaliar que a perda real, definitiva e inelutável, traduz-se em estruturas psíquicas

específicas, diferentemente da ausência de vida na mãe morta, que promoverá uma estruturação psíquica com economia e dinâmica singulares à criança.

Nas transcrições das entrevistas de Clarisse, a palavra “mãe” era sempre cercada de palavras de ódio e ressentimento. Em determinado trecho, a colocação das palavras pela garota, pareciam preparar o enterro de sua mãe. Ao fazer referência à mesma, Clarisse me pergunta sobre funerárias e flores e, assim como contornava os traços de seus desenhos, Clarisse parece esboçar a imagem de uma mãe mórbida.

Esse processo terá um caráter estruturante, determinará a constituição da subjetividade da criança. Green lembra que se torna importante essa observação, pois os psicanalistas têm constantemente como referência estrutural o conceito do pai morto e têm se esquecido de trabalhar com o papel estruturante da mãe. Quando se referem à perda da mãe é em função de um dado realista, a perda real da mãe, o que limita o ponto de vista estruturante da mãe morta:

A teoria psicanalítica que se funda na interpretação do pensamento freudiano atribui um papel principal ao conceito do pai morto, de quem ‘Totem e tabu’ sublinha a função fundamental na gênese do Supereu. Quando consideramos o complexo de Édipo como uma estrutura e não apenas como um estágio do desenvolvimento da libido, esta tomada de posição é coerente. Em contrapartida, nunca se escuta falar da mãe morta de um ponto de vista estrutural (Green, 1980, p. 241).

Maria utiliza-se de exemplos de sua rotina para relatar a distância afetiva estabelecida entre ela e os filhos, especificamente com Clarisse, que nascera no período de separação do casal:

Eu nunca tive tempo pra ficar cuidando de neném, eles sempre foram trabalhar comigo, ficavam no carrinho o dia inteiro. A Clarisse não tinha nem trinta dias quando eu voltei a trabalhar. Ela mamava assim: eu colocava ela no carrinho, botava a fralda, escorava a mamadeira na boca dela e a fralda segurando. Aí ela mesma

virava, mexia, a mamadeira saía e ela já dormia ali mesmo. Nunca fui de pegar, dar carinho, nunca tive tempo.

Todas as entrevistas gravadas, tanto com Maria quanto com Clarisse, deixavam à mostra elementos que indicavam uma distância física e afetiva entre mãe e filha. Clarisse parecia reivindicar a ausência materna e cobrava pelo carinho não recebido. Maria, por sua vez, defendia-se justificando sua ausência pelo trabalho excessivo e atribuía o caos na relação com a filha, à violência sexual cometida por Hélio.

A violência sexual sofrida por Clarisse, neste sentido, era usada por Maria como um divisor de águas. Segundo a entrevistada, antes do fato, sua relação com a filha era “ótima e sem problemas”. A violência sexual teria sido responsável por instaurar o caos na relação mãe e filha. Ouvir isso de Maria me fez pensar no quanto parecia difícil assumir o ódio nesta relação; tão difícil que Maria não suportava ouvir as palavras de raiva de Clarisse e Daniel. Talvez, para livrar-se da culpa, Maria tenha encontrado na relação incestuosa de Clarisse e Hélio, o caminho para negar seus sentimentos destrutivos pela filha, e responsabilizar a violência sexual como problema central de sua família.

Não pude deixar de pensar no momento peculiar em que Clarisse nascera. Assim como no nascimento de seus filhos mais velhos, Maria vinha sofrendo ameaças, violência física e psicológica na convivência com o ex-companheiro. Porém, além do caos rotineiro, Maria enfrentava a separação, após ter testemunhado uma das traições de Hélio.

Mãe e filha começam a relacionar-se em meio ao ódio, rompimento, insegurança e traição. Clarisse, quando nascera, anunciava a chegada do fim de um relacionamento de sete anos, mas inaugurava um tempo de lamúria.

4- *“Filhos ingratos! Ingratos mesmo! Passei por tanta coisa pra poder criar [...]”*. -

A mãe Medéia.

As crianças da família estudada eram como alvos, colocadas como projéteis da guerra entre o casal. Maria atravessava novamente um momento muito difícil e familiar em sua vida: a separação. Situação que traz no seu bojo a consequente incapacidade de poupar os filhos da carga do sofrimento. Clarisse e Daniel, os filhos mais ligados ao pai, eram declarados os “filhos problemas”:

O Daniel vai ficar igualzinho ao pai. Você vai ver, vai fazer igualzinho. Tudo o que ele e a Clarisse fazem, a família do pai deles passa a mão na cabeça. Eles estão crescendo sem limite. Outro dia falei pro Daniel: Nossa, como você parece com seu pai! Como sua cabeça é cabeça dura igual do seu pai! Tem que mudar muito, orar pra Deus não deixar você ser um Hélio na vida. Já basta no nome você ter Hélio.

Clarisse e Daniel, de alguma forma, remetiam-se ao pai. Isso fazia com que Maria visse neles a figura do ex-marido e consequentemente parecia reviver todo o sofrimento experimentado na vida a dois. *Medéia* é uma das peças em que Eurípedes apresenta um dos mais polidos esboços da alma feminina. Revela a ameaça que representa uma mulher mortificada por uma divisão interna – entre o homem e os filhos – a manifestar-se com paixão. *Medéia*, a heroína de Eurípedes, ilustra o enlouquecimento feminino e vinga a traição do marido através do assassinato dos filhos.

Medéia, no sistema mitológico da Antigüidade, é a mulher bárbara que, para ultrajar o marido infiel, afronta as leis humanas e divinas, matando os próprios filhos. Antes de assassiná-los, *Medéia* fala de seus conflitos:

Ó meus filhos, meus filhos! Vós tereis, vós, uma cidade, uma morada, onde, longe de mim, desgraçada, habitareis para sempre separados de vossa mãe. Eu vou partir para um exílio longínquo, antes de ter podido desfrutar da vossa companhia, vendo-vos felizes [...].

[...] Foi, pois em vão, meus filhos, que vos alimentei, em vão suportei por vós tantas aflições e me consumi em fadigas, após haver sofrido as cruéis dores do parto! Sim, em vós ai de mim, ainda não faz muito, eu punha minhas mais caras esperanças: vós deveríeis alimentar minha velhice e, depois de minha morte piedosamente enterrar-me com vossas mãos. Esse é o desejo de todos os mortais. E agora se desvanece esse doce pensamento. Separada de meus filhos, vou arrastar vida miserável e dolorosa, e vós, com vossos olhos queridos, não vereis mais vossa mãe, ireis passar a ter uma nova existência. Ai, ai de mim! Por que me olhais assim, meus filhos? Falta-me a coragem, ó mulheres, quando vejo o cândido olhar de meus filhos para fora deste país. Então é preciso, para fazer seu pai sofrer com a desgraça deles, eu me tornar a mim mesma duas vezes mais desgraçada? Não, certamente eu não o farei.

[...] Ide, meus filhos, entrai. Que vire as costas quem quiser a este ímpio sacrifício! Eu, eu não deixarei minha mão enfraquecer. Pare, meu coração, pare! Não conclua. Deixe meus filhos, poupe-os infelizes! Eles a seguirão em seu exílio, eles serão sua alegria [...] não! Pelos demônios vingadores, pelos deuses dos infernos, não será dito que terei deixado meus filhos expostos aos ultrajes de meus inimigos. (É absolutamente preciso que eles morram e, pois que é preciso, sou eu que lhes darei a morte, como fui eu que lhes dei o dia.) Acabou-se! O fim é inevitável¹ (Eurípedes, 1976, p.).

Em sua *Medéia*, encenada pela primeira vez em 431 a.C., Eurípedes representa muito bem a sua tendência a ressaltar a singularidade da alma feminina. Enquanto personagem trágica, Medéia encarna o estigma da culpa. Essa culpa, no entanto, não é determinada por uma ancestralidade "pecadora", que faz com que a moira implacável persiga os descendentes da gens. Antes, ela é resultado da realidade social de seu tempo e das emoções que

¹ Monólogo de Medéia, em *Medéia*

caracterizam o ser humano. O halo de crueldade e feitiçaria que acompanha o mito de Medéia dá lugar, na obra, a uma reflexão sobre a condição de mulher, aviltada depois de sacrificar tudo em nome de uma paixão. A origem de sua problemática não remonta, portanto, ao cosmos, mas sim à própria sociedade da época (Brandão, 2001).

Com efeito, a fala da personagem caracteriza-se não apenas como um desabafo do "eu", dos sentimentos da personagem, como também procura convencer o interlocutor (e o espectador) da veracidade das colocações sobre as injustiças que recaem sobre a mulher. Savietto (1988) observa que este discurso não é só a expressão de uma dor particular, mas é também um discurso do coletivo que expressa a condição de vida das mulheres da época.

Aderindo ao ponto de vista da personagem, o Coro, composto por mulheres, solidariza-se com a hóspede bárbara, uma vez que compartilha com ela a mesma condição. A indignação pelo tratamento injurioso destinado a igual leva as coríntias a vaticinar o futuro. Como conselheiro, o Coro, longe de adotar a postura de defensor intransigente da ordem social como nas tragédias de Ésquilo e Sófocles, atua como mediador do conflito, sem deixar, contudo, de ratificar as razões da esposa aviltada.

Configurando-se como um verdadeiro antagonista dentro da tragédia, Jasão é o protótipo do herói imaculado segundo a visão grega, uma vez que vivenciou uma gesta repleta de perigos, vencendo todos os obstáculos e tornando-se superior aos mortais comuns. O adultério cometido não é suficiente para conspurcar sua imagem numa sociedade em que ao homem é permitido repudiar a esposa. Todavia, deixando-se levar pelo orgulho e agindo com calculada frieza, ele fere as leis humanas e divinas com sua ingratidão. Envergonhado pelo fato de Medéia ser bárbara e inculta e ávida de poder, Jasão não hesita em traí-la.

A figura de Medéia costuma ser associada à vida e à morte, à mãe bondosa e mãe destruidora. Assim como a personagem, Maria representa uma mulher que sofre. Tão grande é

seu sofrimento que, apesar de repetir ser uma boa mãe, a participante reconhece que seus filhos não poderiam passar ilesos frente à tamanha dor.

INQUIETAÇÕES FINAIS

“De que maneira dizer o que foi. Talvez seja necessário dizê-lo cuidadosamente para que eu não tenha de ouvir claramente minha própria voz. Talvez murmurá-lo no alarido de todas essas outras vozes. Por favor, estou cansada agora”² (Butler, 1979, p. 13).

A relação transferencial entre o paciente violentado sexualmente e analista revela os conteúdos recalcados dessas experiências, tanto do ponto de vista da criança que sofre, quanto da fantasia que essa criança pôde interpretar/sentir do desejo de seus pais. Assim, os desejos inconscientes permeiam as relações entre pais e filhos.

Na relação Maria e Clarisse percebi a função-mãe como condição desorganizadora na estruturação do sujeito Clarisse e da relação mãe e filha, concedendo e mobilizando condições para o incesto.

Margareth Hilferding (1911), na conferência “Sobre as bases do amor materno”, na Sociedade Psicanalítica de Viena, afirma que é por meio da interação física entre a mãe e o bebê que é suscitado o amor materno. A autora fala da suposição de que os primeiros sinais de amor materno surjam na época dos primeiros movimentos do feto que provocariam certa sensação de prazer.

Há da parte do bebê Clarisse, uma identificação primária com a mãe morta e a transformação da identificação positiva em identificação negativa, ou seja, uma identificação com o buraco deixado pelo desinvestimento e não com o objeto. É com este vazio que,

² Trecho escrito por uma vítima de incesto de 19 anos de idade, retirado do livro: *A conspiração do silêncio – O Trauma do Incesto*.

periodicamente, desde que um novo objeto seja escolhido para ocupá-lo, se enche e subitamente se manifesta pela alucinação afetiva da mãe morta (Green, 1980, p. 253).

Green (1980), com a concepção da mãe morta, vai propor um conceito teórico inovador para se entender a estruturação da subjetividade. O autor se baseia no texto freudiano “Luto e Melancolia” (1974/1917). Nesta vertente, a problemática da mãe morta perpassa a questão do luto, e então, chega a essa conclusão pela análise de seus pacientes com conflitos psíquicos de natureza narcisista, funcionamento este que estaria relacionado a um luto infantil em função de uma vivência de perda da mãe.

Para Freud (1974/1917), a importância da analogia da melancolia com o luto é que se revelará a noção de objeto, relacionado, primordialmente, com sua perda, que será fundamental para definir os processos do luto e da melancolia. Essa comparação lançaria as bases do entendimento da melancolia e do suicídio.

Compreende-se assim que o fundamental não será a perda do objeto em si, e sim o tipo de vínculo objetal infantil estabelecido e, principalmente, o significado que a criança atribui a esta perda. As revivescências na vida adulta desse registro infantil se caracterizarão nos investimentos libidinais objetais, por isto Freud (1974/1917) aponta que: “[...] quando o objeto não tiver um significado – reforçado por milhares de elos – que o torne tão fundamental para o Eu, sua eventual perda não será suficiente para causar nem luto, nem melancolia” (p. 114).

Na família estudada, o luto apresenta-se repetidamente nas gerações, como uma herança a ser carregada e mantida. A enlutada Maria, sentida como uma mãe morta por Clarisse teve sua mãe assassinada pelo próprio pai. Já Clarisse, ao acusar sua mãe Maria por provocar o suicídio de seu pai, esbraveja o luto, sentido também por uma ausência materna.

Clarisse parecia ter encontrado no excesso, na perversa e ambivalente montagem afetiva que se estabelecia com o pai, um meio para aliviar sua angústia frente à ausência

materna fundamental. Clarisse, objeto de desejo de Hélio, pôde espelhar-se e sentir-se próxima de sua mãe (objeto da relação conjugal) sendo como ela.

As entrevistas com as participantes, Maria e Clarisse contaram sobre a construção dos vínculos que se sustentam e se estruturam sobre o desamparo e a ambivalência afetiva. Paralisada, inerte, Maria caminha com os filhos rumo a construções afetivas caóticas, mas nesta trajetória, Clarisse em especial, demanda investimento e uma nova estratégia de sobrevivência afetiva da mãe.

A morte de Hélio parece colocar Clarisse frente a uma situação de risco. A garota parecia ligar-se à mãe através do pai, como se na tríade (pai, mãe e filho), Hélio fosse um elemento passível de conexão entre Maria e Clarisse. O suicídio do pai representa, mais uma vez, a morte dessa mãe.

A violência sexual intrafamiliar é resultante de uma configuração específica da tríade pai, mãe e filha. A mãe, Maria, se faz presente no cenário dessa vivência, algumas vezes, inclusive, promovendo-a, paralisada, emudecida, mas caracterizando o conluio perverso com o pai.

A escuta da história de mãe e filha apresentou o desmentido materno atrelado à própria vivência de Maria no que tange aos aspectos relacionados à sua família de origem. O inominável acaba por contornar o ódio. Maria e Clarisse vivem um desencontro-encontro afetivo prisioneiro das gerações anteriores.

Na tentativa de encontrar soluções para os conflitos familiares, Maria diz acreditar que não deveria ter se separado de Hélio. A destruição de si é apontada como única saída para tanta dor frente ao insuportável sentimento de não existir, na medida em que a pessoa é inventada e reinventada para satisfazer o outro.

A dinâmica vinculativa mãe e filha me invadiu. O contato com essa família me deixou paralisada, confusa e cansada. Maria e Clarisse estiveram comigo para além das entrevistas.

As participantes transbordavam as regras da pesquisa, solicitando minha intervenção, meu investimento e as minhas energias nas questões escolares de Clarisse e nas questões pessoais dos demais membros da família. Algumas vezes, me sentia acuada numa guerra entre mãe e filha, mergulhada no funcionamento caótico da família.

Em meio às palavras de ódio direcionadas para Maria, Clarisse, em uma das entrevistas, com seus desenhos em mãos, anunciou, com muita insegurança, que iria colorir um deles para sua mãe. Surpresa com a fala de Clarisse, pergunto então qual ela iria escolher. A garota respondeu que escolheria uma flor, já que a mãe gostava muito. Com o desenho colorido com muito capricho, Clarisse me pediu para entregá-lo à mãe quando eu a encontrasse. Neste momento, tocada por sentir vida nesta dinâmica afetiva, lembrei-me do poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade: “... Uma flor nasceu na rua!...”.

“Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um estranho lugar afetivo” me fez pensar nas possibilidades vinculativas dessas famílias imersas na violência. Apesar do desencontro, do ódio e do caos, mãe e filha poderiam voltar a conviver juntas e encontrar os caminhos possíveis para esta relação. Destaca-se, por fim, a importância de se pensar novas formas de acesso a essas famílias, para que sejam atendidas, acompanhadas e ouvidas.

“...Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralise os negócios,
 garanto que uma flor nasceu
 Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem
 Seu nome não está nos livros
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furo o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”

Carlos Drummond de Andrade

REFERÊNCIAS

- Abranches, A. (Diretor). (2009). *Do começo ao fim*. [DVD]. Brasil: Lama Filmes. 100 min.
- Adair, G. (Produtor), & Bertolucci, B. (Diretor). (2003). *Os sonhadores* [DVD]. Inglaterra: Recorded Picture Company. 115 min.
- Almodóvar, P. (Diretor). (2006). *Volver*. [DVD]. Espanha: Canal + Espanha. 120 min.
- Amazarray, M.R & Koller, S.H. (1998). Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 11(3).
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 3-11.
- Assis, M. de. (1997). *Helena*. São Paulo: Globo.
- Aumont, J. & Marie, M. (2003). Dicionário teórico e crítico do cinema. Campinas: Papirus.
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. (1989). *Crianças vitimizadas. A síndrome do pequeno Poder* (2ª ed.). São Paulo: Iglu.
- _____. (2001). *Mania de bater: A punição corporal doméstica de crianças no Brasil*. São Paulo: Iglu.
- Azevedo, E. C. (2001). Atendimento psicanalítico a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(4), 66-77.
- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bollas, C. (1992). *Forças do Destino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bosco, J. & Blanc, A. (1979). O Bêbado e a Equilibrista. Em “Linha de Passe” [LP]. Local: São Paulo. RCA Victor.
- Branco, L. C. (1987). *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Brandão, J. S. (1987). *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes.
- Brandão, J. S. (1991). *Dicionário de Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes.
- Bustos, D. (1990). *Perigo... amor à vista! Drama e psicodrama de casais*. São Paulo: Aleph
- Butler, S (1979). *A conspiração do silêncio – O Trauma do Incesto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Caldas, H. (2006). Um livro chamado Angústia: sobre o romance de Graciliano Ramos. *Psicologia Clínica*, 18 (1) 137-145.

CFP - Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução n. 16/2000*, de 20 de dezembro. [Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos]. Brasília.

Cohen, C. & Gobbetti, G. (1998). Abuso sexual intrafamiliar. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 7(24), 235-243.

Cohen, C. (1993). *O incesto um desejo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cohen, C. & Gobbetti, G. J. (2000). *O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*. Recuperado em 01 de abril de 2010, de <http://www.cedeca.org.br/pesquisas.php>

Corman, A. (Produtor), & Benton, R. (Diretor). (1979). *Kramer vs. Kramer*. [DVD]. Estados Unidos: Columbia Pictures Corporation, 105 min.

Crawford, C. (Produtor), & Perry, F. (Diretor). (1981). *Mamãezinha querida*. [DVD]. Estados Unidos: Paramount Pictures. 129 min.

Cromberg, R. U. (2001). *Cena incestuosa* (2ª Ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.

Drummond, R. (2001) *O Cheiro de Deus*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Dunker, C. I. L. (2001). A identificação na formação e sustentação de sintomas na família. *Temas em Psicologia da SBP*, 9(2), 145-154.

Elia, L. (2000). Psicanálise: Clínica e pesquisa. In S. Alberti, & L. Elia, (Org.), *Clínica e pesquisa em psicanálise* (pp. 19-36). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

Eurípedes (1979). *Medéia*. São Paulo: Nova Cultural.

Farias, C. N. de F & Lima, G. G. de (2004 Junho). A relação mãe-criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. *Estilos da Clínica*, 9(16), 12-27.

Faiman, C. J. S. (2004). *Abuso sexual em família. A violência do incesto á luz da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferrari, I. F. (2006). Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, 18(2), 49-62.

Ferreira, A. L. (2002). *O atendimento a crianças vítimas de abuso sexual: avaliação de um serviço público*. Tese de Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz - Escola Nacional de Saúde Básica, Rio de Janeiro, RJ.

Ferenczi, S. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Obras completas – Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1993). *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes.

Fernandes, A. N. S. (2005). Cinema e Psicanálise. *Estudos de psicanálise*, (28).

Figaro-Garcia, C. (2001). Vamos brincar de legal? O jogo incestuoso entre pai e filha. *Revista de Psicanálise Pulsional*, 14(147), 27-41.

Figaro-Garcia, C. (2004 Março). Trauma e incesto. *Revista de Psicanálise Pulsional*, 17(177), 66-73.

Filho, C. C. (2009). Os (des)caminhos de Édipo: a resposta é o infortúnio da pergunta. *Jornal de Psicanálise*, 42(77).

Fletcher, G. (Produtor), & Daniels, L. (Diretor). (2009). *Preciosa – Uma História de Esperança*. [DVD]. Estados Unidos: Lee Daniels Entertainment. 110 min.

Foward, S. & Buck, C. (1989). *A traição da inocência. O incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro: Rocco.

Frayze-Pereira, J. A. (2005). A pesquisa do campo artístico como extensão da clínica. In L. Barone (Coord.), *A psicanálise e a clínica extensa* (pp. 401-416). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Frayze-Pereira, J. A. (2006). *Arte, dor: Inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê.

Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913-1914). Totem e tabu e outros trabalhos. *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Moises de Michelangelo. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1917). Luto e melancolia. (J. Salomão, Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Vol. 14, pp. 271- 295). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1919). O Estranho. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925). Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. (1930). O Mal-Estar da Civilização. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1931) Sexualidade feminina. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição standard brasileira. Vol. 21. Rio de janeiro: Imago Ed., 1996.

_____. (1932). Conferência XXXIII- Feminilidade. *Obras Psicológicas Completas de*

Sigmund Freud. Edição standard brasileira. Vol. 22. Rio de Janeiro, Imago Ed., 1996.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad.) Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Frizzo, G. B. & Piaccinini, C. A. (2005). Interação mãe-bebê em contexto de depressão materna: aspectos teóricos e empíricos. *Psicologia: Estudos*, 10 (1).

Furlani, J. (2007). Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educação em Revista*, (46) Belo Horizonte.

Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Goldfeder, M. F. F. (2000). A relação esquecida: a mãe nos bastidores do abuso sexual entre pai e filha. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 13(138).

Gomes, Y. (2010). Traços do feminino na Psicanálise – Re-Contos de uma História Mítica. *Psicanálise e Barroco em Revista*, 8 (1), 130-147.

Green, A. (1980). A mãe morta. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, p.247-282, 1988.

Guerra, V. N. A. (1998). *Violência de pais contra filhos: A tragédia revisitada* (3ª ed.). São Paulo: Cortez.

Haugaard, J. J. (2000). The challenge of defining child sexual abuse. *American Psychologist*, 55, 1036-1039.

Heyman, M. (Produtor), & Aronofsky, D. (Diretor). (2010). *Cisne negro*. [DVD]. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures. 108 min.

Herrmann, F. (1993). A análise didática: Uma história feita de críticas. *Jornal de Psicanálise*, 26(50), 29-68.

_____. (2001a). *Andaimos do real: Método da Psicanálise* (3 ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2001b). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2003). Psicanálise Política no mundo em que vivemos. *Revista Trieb* 2 da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, (pp.235-263). Rio de Janeiro.

Herrmann, F. (2004). Da clínica extensa à alta teoria. *Meditações clínicas. Quarta meditação: a intimidade da clínica*. [material de aula] Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Junior, P. M. C. B. (2008). *O sujeito abusado da Psicanálise*. Dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Kaes, R. (1998) Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In Eiguer, A. (Org.) *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco.

Kelly, L. (1988). *Surviving sexual violence*. Cambridge: Polity Press.

Klee, P. (1977). *La Pensée créatrice*. Trad. fr. Sylvie Girard. Paris: Dessain et Tolra.

Klein, M. (1980). Notes on some schizoid mechanisms. In M. Klein, *Envy and gratitude and other works* (pp. 1-24). London: Hogarth. (Trabalho original publicado em 1946.)

Labaki, M. E. P. (2007). Ter filhos é o mesmo que ser mãe? *Jornal de Psicanálise*, 40(72): 75-87.

Lacerda, H (Produtor), & Nachtergaele, M. (Diretor). (2008). *A festa da menina morta*. [DVD]. Brasil: Bananeira Filmes. 115 min.

Lafon, J. (1992). De la séduction dans la transmission des savoirs. Vers une gestion de la séduction dans la relation pédagogique. Tese de doutorado. Bordeaux : Université de Bordeaux.

Lamy, M. (1998). A menina e o supereu. In: Fort-Da. Rio de Janeiro: Ceppac. 4/5. 81-90 p., 199.

Laplanche, J. (1992) *Novos Fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)

Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1988) *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1992) *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)

Lebovici, S. (1996). La transmission intergénérationnelle ou quelques considérations sur l'utilité de l'étude de l'arbre de vie dans les consultations thérapeutiques parents/bébé. In M. Dugnat (Org.), *Troubles relationnels père-mère/bébé: quels soins?* (pp. 19-28). Ramonville St Agne: Érès.

Lévi-Strauss, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco* (5ª ed.). Petrópolis: Vozes.

Lebovici, S. & Solis-Ponton, L (2004). In Solis-Ponton, L. & Silva, M. C. P. (Orgs.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Matias, D. P. (2006 Maio/Agosto). Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 295-304.

Marin, I. S. K. (2002). *Violências*. São Paulo: Escuta - FAPESP.

Márquez, G. G. (2001). *Cem anos de solidão*. São Paulo: Editora Record.

- Maurano, D. (2003). *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Meredieu, F. de (2006). *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix.
- Murdock, M. (1998). A filha do herói: mito, história e amor paterno. São Paulo: Summus.
- Nassar, R. (Produtor), & Carvalho, L. F. (Diretor). (2001). *Lavoura Arcaica*. [DVD]. Brasil: Videofilmes. 163 min.
- Neves, A. S. & Romanielli, G. (2006). A violência doméstica e os desafios da compreensão interdisciplinar. *Estudos de Psicologia*, 23(3), 299-306.
- Neves, A. S. (2009). *Família no singular histórias no plural: a violência física de pais e mães contra filhos*. Uberlândia: EDUFU.
- Nimier, R. (1951). *Amour et néant*. Paris: Gallimard.
- Oliveira, M. L. C., Oliveira, S. R. N. & Iguma, L. T. (2007 – Jan- Mar.). O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. *Texto contexto - Enfermagem*. 16. (pp. 157-162). Recuperado em 25 de agosto de 2011 de [http://www.pucgoias.edu.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Artigos%20e%20Cap%C3%ADtulos%20de%20Livros/O%20processo%20de%20viver%20nos%20filmes%20\(velhice,%20sexualidade%20e%20mem%C3%B3ria%20em%20Copacabana\).pdf](http://www.pucgoias.edu.br/ucg/unati/ArquivosUpload/1/file/Artigos%20e%20Cap%C3%ADtulos%20de%20Livros/O%20processo%20de%20viver%20nos%20filmes%20(velhice,%20sexualidade%20e%20mem%C3%B3ria%20em%20Copacabana).pdf)
- Osório, L. C. (1997). A família como grupo primordial. In Zimmerman, D. E. & Osório, L. C. (Org.), *Como trabalhamos com grupos* (pp. 49-58). Porto Alegre: Artmed.
- Passos, M. C. & Polak, P. M. (2004, Novembro). A identificação como dispositivo da constituição do sujeito na família. *Revista de Saúde mental e subjetividade da UNIPAC*, 2(3).
- Pfeiffer, L., & Salvagni, E. P. (2005). Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81(Supl. 5), 197-204.
- Platão (1990). A República. Livro IX. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Prado, M. C. C. A. & Pereira, A. C. C. (2008). Violências sexuais: incesto, estupro e negligência familiar. *Estudos de Psicologia*, 25, 277-291.
- Pichon-Rivière, E. (1998). *Teoria do vínculo*. (E. T. Zamilkhowsky, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Queirós, E. (1888). Os Maias. In *Obras completas de Eça de Queiroz*. Porto: Lello e Irmão Editores.
- Razon, L. (2007). *Enigma do incesto: da fantasia à realidade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Rito, L. (1998). *É a mãe: visões sobre a figura materna*. Rio de Janeiro: Record.
- Rodrigues, N. (1945). Álbum de família. *Teatro completo de Nelson Rodrigues*. v.1. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, p.27 - 86.

Rosenfeld, H. K. (1999). Entre a psicanálise e a arte. *Psicol. USP*, 10(1). São Paulo. Recuperado em 16 de Junho de 2010 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100018&lng=en&nrm=iso.

Roudinesco, E. (2003). *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Sales, L. S. (2002). Fantasia e teorias da sedução em Freud e Laplanche. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3).

Sanches, A. & Cardoso, H. R. (2006). Ruptura de campo: proposta clínica e metodológica de Fabio Herrmann. Recuperado em 16 de Junho de 2010 http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/09_Aline_Sanches.pdf

Saura, C. (Diretor). (1979). *Mamãe faz 100 anos*. [DVD]. Espanha: Platina Filmes. 100 min. Styron, W. (Produtor), & Pakula, A. J. (Diretor). (1982). *A escolha de Sofia*. [DVD]. Estados Unidos: Incorporated Television Company. 153 min.

Savietto, M. do C. (1988). Medéia e Fedra: uma perspectiva racionalista da condição da mulher e suas emoções. *Revista de Letras*, São Paulo, n° 28, p. 117-2.

Silva, M. C. P. da (2003). *A herança psíquica na Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo - FAPESP.

Shreve, A. (Produtor), & Bigelow, K. (Diretor). (2002). *O peso da água*. [DVD]. Estados Unidos: Buena Vista. 113 min.

Sófocles (1993). Édipo Rei. In *A trilogia tebana*. Tradução do grego, introdução e notas Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original escrito cerca de 430 a.C.).

Soller, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1937).

Solis-Ponton, L. (2004). *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Strauss, L. (1976). *Antropologia Estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Stefano, J.(Produtor), & Hitchcock, A. (Diretor). (1960). *Psicose*. [DVD]. Estados Unidos: Universal Home Video. 109 min.

Suassuna, H. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa: tipos de pesquisa e técnicas de investigação científica*. Brasília: Universidade de Brasília.

Telles, S. (2006). *O Psicanalista Vai ao Cinema: Artigos e ensaios sobre Psicanálise e Cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Veloso, C. (1989). O Estrangeiro. Em “Estrangeiro” [CD]. Rio de Janeiro: Polygram.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (3ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.

Zusman, W. (1994). *Os filmes que eu vi com Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

ANEXOS

Anexo I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um estranho lugar afetivo, sob a responsabilidade dos pesquisadores Anamaria Silva Neves e Maraysa Palhiari Tralli. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a dinâmica afetiva da relação mãe e filha na família incestuosa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Maraysa Palhiari Tralli antes da realização das entrevistas. Na sua participação, você será convidada a falar sobre as suas vivências livremente, pautadas na temática relação mãe e filha. As entrevistas serão gravadas e transcritas a fim de que você se aproprie do material para acrescentar ou modificar as informações nele contidas. Após a transcrição das gravações para a pesquisa, as mesmas serão desgravadas. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. Ao participar da pesquisa, os riscos consistem em mobilizar emoções e sentimentos envolvidos nas lembranças e vivências das entrevistas relacionadas à família, violência sexual e relação mãe e filha. Tais mobilizações podem exigir um apoio e acompanhamento especializado. Os benefícios serão o apoio oferecido em todo o processo, informações sobre o acesso aos sistemas de apoio legal, social e de saúde. Os pesquisadores se responsabilizam por informar sobre locais de atendimento especializado em questões de violência sexual - uma vez expresso o desejo de prosseguir sendo acompanhadas em atendimento psicológico. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Anamaria Silva Neves ou Maraysa Palhiari Tralli pelo telefone 3218-2547 vinculadas ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia: Avenida Pará nº 1720, Bairro Umuarama, bloco 2C. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2160, bloco A, sala 224. Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, de de 200...

Anamaria Silva Neves

Maraysa Palhiari Tralli

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

Anexo II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

_____ está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada: Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um estranho lugar afetivo, sob a responsabilidade dos pesquisadores Anamaria Silva Neves e Maraysa Palhiari Tralli. Nesta pesquisa nós estamos buscando entender a dinâmica afetiva da relação mãe e filha na família incestuosa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Maraysa Palhiari Tralli antes da realização das entrevistas. Na participação de _____, ela será convidada a falar sobre as suas vivências livremente, pautadas na temática relação mãe e filha. As entrevistas serão gravadas e transcritas a fim de que a participante se aproprie do material para acrescentar ou modificar as informações nele contidas. Após a transcrição das gravações para a pesquisa, as mesmas serão desgravadas. Em nenhum momento a entrevistada será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim identidade será preservada. A participante não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar na pesquisa. Ao participar da pesquisa, os riscos consistem em mobilizar emoções e sentimentos envolvidos nas lembranças e vivências das entrevistas relacionadas à família, violência sexual e relação mãe e filha. Tais mobilizações podem exigir um apoio e acompanhamento especializado. Os benefícios serão o apoio oferecido em todo o processo, informações sobre o acesso aos sistemas de apoio legal, social e de saúde. Os pesquisadores se responsabilizam por informar sobre locais de atendimento especializado em questões de violência sexual - uma vez expresso o desejo de prosseguir sendo acompanhadas em atendimento psicológico. A entrevistada é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com a participante. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, poderá entrar em contato com: Anamaria Silva Neves ou Maraysa Palhiari Tralli pelo telefone 3218-2547 vinculadas ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia: Avenida Pará nº 1720, Bairro Umuarama, bloco 2C. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2160, bloco A, sala 224. Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-32394131.

Uberlândia, de de 200...

Anamaria Silva Neves

Maraysa Palhiari Tralli

Eu autorizo _____ a participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.



Universidade Federal de Uberlândia
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Avenida João Naves de Ávila, nº. 2160 – Bloco A – Sala 224 - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG –
CEP 38400-089 - FONE/FAX (34) 3239-4131; e-mail: cep@propp.ufu.br; www.comissoes.propp.ufu.br

ANÁLISE FINAL Nº. 088/11 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU
452/10

Projeto Pesquisa: Mãe e filha na família incestuosa: a composição de um estranho lugar afetivo.

Pesquisador Responsável: Anamaria Silva Neves

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data de entrega do relatório final: dezembro de 2011.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO APROVADO.

OBS: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 04 de março de 2011.

Profa. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
Coordenadora do CEP/UFU